

VA REI ROS

DO RIO
PARNAÍBA
& OUTRAS
HISTÓRIAS



pre

RAIMUNDO
SOUZA LIMA

APOIO CULTURAL





NA RIB NOS

**DO RIO PARNAÍBA
& OUTRAS HISTÓRIAS**

—
RAIMUNDO SOUZA LIMA

—
ILUSTRAÇÕES IRI SANTIAGO

—
2ª EDIÇÃO

áreadecriação

Todos os direitos reservados. De acordo com a lei n.º 9.610, de 19/02/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma ou por meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do autor e do editor.

APOIO CULTURAL Instituto Amostragem

PROJETO GRÁFICO Área de Criação

ILUSTRAÇÕES Iri Santiago

FOTOS DO AUTOR: Acervo da família

FOTOS DE PARNAÍBA: Acervo Helder Fontenele

REVISÃO Rosa Pereira

FICHA CATALOGRÁFICA Gleydson Santos - CRB-03/1219

L732v Lima, Raimundo Souza.

Vareiros do Rio Parnaíba & outras histórias. / Raimundo Souza Lima; Ilustração de Iri Santiago. - 2. ed. - Parnaíba: Area de criação, 2023.

136 p. : il. col.

ISBN 978-65-85113-08-3

1. Literatura piauiense – memórias. 2. Literatura piauiense – contos
2. Literatura brasileira – memórias. I. Título.

CDD B869.804

Índice para Catálogo Sistemático

- | | |
|------------------------------------|----------|
| 1. Literatura piauiense – memórias | B869.804 |
| 2. Literatura piauiense – contos | B869.4 |
-

*À minha esposa
Raimundinha e aos meus filhos;
Lourdinha
Anchiêta
Francisco
Paulo
Rita
Raimundinho e ao meu sobrinho Benedito.*

Esta edição é dedicada a Alcenor Candeira Filho

ão estão... as do ve...
rão boiando rio abaixo rio arriba?
e caso se não os pescarmos
no então recriar
aventuras do João Ventura
travessuras do Pesado das Aroeiras
desventuras de outros tipos mais?
no então recompor a obra maior
jornalista simples
e simplesmente não apostou na poste
que simplesmente voou para o céu?

nha gente do porto das barcas
arnaibanos do porto salgado
gros das charqueadas dos Dias da Si
omens e mulheres da beira rio beira v
usalimamente falando
dê os Vareiros do Rio Parnaíba?

idade

ilva
ida:



VAREIROS DO RIO PARNAÍBA & OUTRAS HISTÓRIAS

*Poema publicado originalmente no jornal
A LIBERTAÇÃO em 11 de abril de 1987.*

senhor prefeito deputados vereadores
professores estudantes escritores
canoeiros pescadores pecadores
beatos burgueses barnabés,
vamos todos atrás do vento
procurar quatro palavras
que a voragem do vento levou:
– Vareiros do Rio Parnaíba.
se o vento fala o vento ouve,
portanto garganta aberta
gritando no ouvido do vento
todos nós a uma só voz:
cadê os Vareiros do Rio Parnaíba?
verba volant, scripta manent...
mas cadê os Vareiros do Rio Parnaíba?

se não estão nas garras do vento
estarão boiando rio abaixo rio arriba?
neste caso se não os pescarmos
como então recriar
as aventuras do João Ventura
as travessuras do Pesado das Aroeiras
as desventuras de outros tipos mais?
como então recompor a obra maior
do jornalista simples
que simplesmente não apostou na posteridade
e que simplesmente voou para o céu?

minha gente do porto das barcas
parnaibanos do porto salgado
negros das charqueadas dos Dias da Silva
homens e mulheres da beira rio beira vida:
sosalimamente falando
cadê os Vareiros do Rio Parnaíba?

Alcenor Candeira Filho



Raimundo de Souza Lima

Até então, a notícia que corria na cidade era a de que a única via dos originais do livro VAREIROS DO RIO PARNAÍBA & OUTRAS HISTÓRIAS, de Sousa Lima, teria sido extraviada. Essa notícia foi diversas vezes objeto de comentários no seio da Academia Parnaibana de Letras, onde o saudoso jornalista e escritor Sousa Lima é Patrono da Cadeira nº 21, que tem como ocupante o acadêmico Raul Furtado Bacelar. Este, por sinal, no discurso acadêmico sobre o Patrono, registrou em determinada passagem:

"Sousa Lima escreveu um livro sob o título VAREIROS DO RIO PARNAÍBA. (...) Infelizmente, depois de sua morte, o livro foi relegado a plano inferior com a perda de mais da metade das folhas extraviadas".

Em novembro deste ano, fomos inesperadamente procurados por um filho do escritor, Francisco Lima, que nos queria mostrar os originais de um livro, solicitando-nos que lhe fizéssemos a revisão e a apresentação. O livro, para nossa surpresa: VAREIROS DO RIO PARNAÍBA & OUTRAS HISTÓRIAS.

Aqui, a tarefa que nos foi atribuída não consiste num Prefácio, no qual o comentário e/ou a análise da obra significaria um imperativo. Tarefa mais simples, a da Apresentação, que costuma prender-se mais à abordagem biográfica e a aspectos genéricos da obra.

De origem humilde, Raimundo de Sousa Lima nasceu em 1911, em Parnaíba, cidade onde faleceu em 1976.

Ainda criança começou a trabalhar para ajudar os pais nas despesas de casa. Operário, vendedor ambulante de bolos de goma feitos por sua mãe, ferroviário, comerciário, contabilista, despachante, eis as diversas atividades profissionais abraçadas por Sousa Lima, desempenhando-as com responsabilidade e competência. Mas foi como jornalista (colaborou em diversos jornais da cidade, inclusive como editorialista do FOLHA DO LITORAL) e escritor que Sousa Lima revelou a melhor faceta de seu talento.

VAREIROS DO RIO PARNAÍBA & OUTRAS HISTÓRIAS se compõe de vários episódios ("lembranças que ficaram escritas e guardadas no subconsciente dos nossos primeiros anos de existência descuidada e feliz") que a memória privilegiada e o talento do

menino pobre do Bairro São José transformaram em comoventes páginas que muito enriquecem as letras piauienses.

Focalizando a época do apogeu da navegação fluvial em Parnaíba, Sousa Lima fixa com precisão a vida dos vareiros e das mulheres do rio Parnaíba, a sua miséria, a sua ignorância, a sua credice, o seu drama.

Há, neste livro, personagens inesquecíveis: Miguel Umbigo, vareiro que resolveu deixar a profissão "pela do comércio de macacos e papapão", para evitar encrencas em que costumava meter-se enquanto viajante do rio Parnaíba; João Ventura, caboclo inteligente, embora analfabeto, "indivíduo de índole sarcástica implacável", que escolhia sempre o Porto Salgado "como palco de suas diabrites"; a mulata "Mão de Paca" ou Zefinha, "que à mais leve menção àquele idioso apelido descarregava verdadeira saraivada de nomes acompanhados de gestos indecorosos"; a prostituta Maria Camila, também conhecida por Maria Picinê, por causa dos óculos que lhe aliviavam a miopia, mulher capaz de involuntariamente levar ao túmulo o rival do amante...

Diante do livro ora apresentado, mais correto que considerar Sousa Lima escritor regionalista seria classificá-lo como autor de um livro regional, pois, afinal de contas, se utilizou da fala regional somente como elemento necessário à cor local.

Em face do interesse pelo homem comum do povo, pelos fatos do cotidiano e pelos aspectos regionais – elementos inteligentes, trabalhados pelo autor para a realização de uma obra de forte conotação social – podemos julgar Sousa Lima um escritor de sua época, atento ao seu tempo, à sua gente.

O Piauí está de parabéns com a publicação deste livro.

Parnaíba, dezembro de 1987

Alcenor Candeira Filho



Raimundo de Souza Lima e Raul Furtado Bacelar

DUAS PALAVRAS

 Este pequeno livro de reminiscências de menino pobre comum, criado entre tarefas domésticas obrigatórias da família e o panorama alegre e comunicativo da beira do rio, não tem outra pretensão senão a de lembrar fatos e episódios marcantes passados no decorrer de mais de meio século em Parnaíba, cidade do autor.

São lembranças que ficaram "escritas" e guardadas no subconsciente dos nossos primeiros anos de existência descuidada e feliz, aguardando o dia em que pudessem ser trazidas ou não à luz da publicidade, que só o porvir distante e cheio de incertezas diria mais tarde.

Da escola ao aprendizado do ofício obrigatório para enfrentar os embates da vida, um largo espaço de tempo se passou, quando foi por mim encontrada a maneira de alcançar o objetivo em vista, ao mesmo tempo em que o amadurecimento da vida concorria para solidificar a ideia.

A volta ao contato com os livros reacendeu o

antigo desejo de pôr em letra de fôrma o trabalho que continuava guardado na imaginação, embora o receio de nos atirmos à aventura esbarrasse sempre no emaranhado da dialética, que vinha sendo examinada exaustivamente de diversos ângulos, de maneira inútil, certamente.

Passamos então à consulta verbal de pessoas entendidas ou experimentadas no trato da redação vernacular. Os resultados nem sempre foram bons, nalguns casos, porque a isso logo se interpunha o espírito opinativo da divergência acaciana, esbarrando quase sempre nas malhas da contradição comum.

Que fazer? O academicismo estava condenado para sempre, mas a vulgaridade pura e simples não podia e nem devia fazer uma nova escola!

A solução encontrada foi a que decidimos agora, lançando este opúsculo ao público, cujo veredicto esperamos seja manifestado através da opinião dos nossos possíveis leitores, que assim bem poderão acolher ou “malhar”.

O Autor

DA PARNAÍBA DE OUTRORA À IMORTALIDADE

A primeira edição de VAREIROS DO RIO PARNAÍBA & OUTRAS HISTÓRIAS, impressa em 1988, foi viabilizada por influência de poetas e escritores vinculados ao Grupo INOVAÇÃO, junto ao professor universitário o Senhor Israel José Nunes Correia, então Secretário da Cultura, Desportos e Turismo do Estado do Piauí, que prestigiou o Movimento, priorizando a publicação de várias Obras, lançadas em noite de autógrafos, na antiga sede social do BNB Clube.

Passados trinta e cinco anos, o Instituto AMOSTRAGEM, por iniciativa do diretor-proprietário, o parnaibano Senhor João Batista Mendes Teles, mecenas de elevado espírito republicano, que irradia energia benfazeja além-fronteiras, sem intenção de se beneficiar ou exercer domínio sobre qualquer segmento, torna viável a segunda edição, por compreender que a produção literária abre caminhos para a leitura como elemento de reprodução da cultura local e de ideias.

Em conversa pontual com Maria de Lourdes Moraes Lima, filha primogênita do jornalista Raimundo de Souza Lima, permitiu ampliar o acervo de informações a respeito do autor de VAREIROS DO RIO PARNAÍBA & OUTRAS HISTÓRIAS, obra que serve de referência para pesquisadores quando o assunto é a cidade de Parnaíba do período em que se destacava pelo dinamismo da atividade econômica, cujo progresso parecia irreversível.

Parnaibano de 1911, Souza Lima viveu a efervescência do centro empreendedor situado na região norte do Brasil: do apito do trem partindo e chegando de Luís Correia e Teresina ao deslizar de embarcações sobre as águas dos rios Igarçu e Parnaíba, atracando no Porto Salgado. A cidade liderava a comercialização e a exportação de alguns produtos, como óleos, cera de carnaúba e o nacionalmente conhecido sabonete glicerol, produzidos e comercializados pela indústria Moraes S/A, que se destacava no cenário nacional. Em um centro comercial em pleno desenvolvimento, havia a Casa Inglesa, empreendimento pioneiro na comercialização da cera de carnaúba, matéria-prima utilizada na fabricação de vários



ÁLBUM DE FAMÍLIA: da esquerda para a direita:
1º plano: Juca, Raimunda Amélia, Souza Lima, Rita;
2º plano: Anchieta, Francisco, Maria de Lourdes, Paulo.

produtos, o que valorizava sua oferta no mercado internacional.

Espaço geográfico de grandes conquistas, enquanto camadas sociais se sustentavam nos princípios e leis trabalhistas, outros segmentos buscavam melhorias nas condições de vida por meio de atividades à margem da legalidade, universo em que se inseriam as lavadeiras do cais, reveladas ao mundo pelo escritor Assis Brasil em *Beira Rio Beira Vida*, além dos vareiros do Rio Parnaíba, reverenciados por Souza Lima.

Contudo, negro convicto de seus valores numa sociedade aristocrática, conservadora e racista, nos 65 anos de existência que lhe foram possíveis, Souza Lima manteve a família pela dedicação ao trabalho, usufruindo do acesso a livros, revistas e jornais com o intuito de obter conhecimentos que contribuiriam para a formatação de ideias, levando-o a se destacar nos meios culturais por sua afinidade com a escrita.

Souza Lima casou-se com Raimunda Amélia de Moraes Lima, com quem compartilhou a criação dos filhos Maria de Lourdes, Anchieta, Francisco das Chagas, Paulo Roberto, Rita de Cássia e Raimundo Lima, ou Juca Lima, o caçula, reconhecido nas artes

parnaibanas como um escultor de nível internacional, tendo peças negociadas pelo mundo afora.

Usufruindo de boas referências por onde apresentava-se para trabalhar, Souza Lima manteve vínculo empregatício no comércio de Celso Nunes e na Casa Inglesa, revelando-se um profissional exemplar na área da contabilidade. No desempenho da função, enquanto esteve trabalhando com carteira assinada na Casa Inglesa, tinha a responsabilidade de ir a Tutoia ao menos uma vez por mês receber os navios que transportavam cera de carnaúba com destino à Europa. Autodidata, aprendeu a falar inglês, recurso que utilizava como meio de influência no âmbito do trabalho. Prestigiado na convivência social, Souza Lima frequentava o Cassino 24 de Janeiro, colado à mão da filha Maria de Lourdes, com quem desfilava, confraternizando, de mesa em mesa.

Detalhando o conjunto de elementos visuais dos tempos de infância, Souza Lima gostava de rememorar os momentos de alegria em que sob as ordens do pai se juntava ao irmão Antônio Lima, para cumprir a tarefa de dar banho no cavalo que ele utilizava para se locomover pela cidade e zona rural, quando se dirigiam ao cais do Porto Salgado.

Missão cumprida, aproveitavam a oportunidade para se esbaldarem nas águas do rio Igarapé, mergulhando e dando tainha.

Lugar marcante da existência, o cais do porto contagiava em sons, imagens, movimentos, retratos que inspiraram a escrita imortalizada em obra importante para se compreender os impactos dos avanços que transformam comportamentos e o sentido da vida.

Gente do povo, Souza Lima desfrutava de livre acesso a pessoas influentes, mantendo relacionamentos duradouros com escritores, jornalistas, empresários. De pouco riso, a seriedade que se manifestava a partir da convivência em família, sobressaía como característica peculiar da personalidade.

Intelectual de convicções humanitárias e destituído de vaidades, desde cedo assimilou os valores culturais e o modo de vida do parnaibano. Com efeito, a Praça da Graça servia de ponto de referência para o encontro saudável com amigos, acolhidos com satisfação renovada a partir de apertos de mão.

Frequentador assíduo do jornal “Folha do Litoral”, colaborava com o periódico por meio de manuscritos entregues na redação após passar as noites em

intenso trabalho textual, acomodado na mesa da copa de casa, escrevendo de próprio punho.

Trabalhando a individualidade em harmonia com o significado da existência, o produtor de ideias e de muitas histórias, juntando o útil ao agradável, costumava aproveitar férias anuais com a esposa e os filhos nos Morros da Mariana, na Pedra do Sal ou no Coqueiro, quando alugava uma casa simples de taipa, com cobertura de palha e piso de areia. No dia da saída, animais de montaria se encontravam à porta, filhos menores e mercadorias eram distribuídos nos garajaus e então partiam pelas veredas a céu aberto. Para Luís Correia costumava ser diferente, pois havia o trem que facilitava o deslocamento.

Sorrindo em face das lembranças que ainda mexem com as emoções, a Senhora Maria de Lourdes recorda o ano em que o pai não conseguiu tirar férias no mês de julho. Confiante, a casa já estava contratada na praia de Luís Correia. Mesmo assim, não se fez de rogado, juntou seu povo, pegou toda a tralha e rumou para a praia.

Assim, Souza Lima madrugava todos os dias para pegar o trem e assinar o livro de ponto no trabalho. Por duas ocasiões, perdeu a hora de embarque

e resolveu ir a pé, seguindo pelos trilhos da linha férrea em plena noite. Decidido a aproveitar o tempo valioso com entes queridos, não havia obstáculo que o impedisse de sentir-se realizado, mesmo o sacrifício de atravessar a ponte metálica, quando se postava feito animal quadrúpede, arrastando-se pela estrutura até alcançar o outro lado.

Assalariado apegado à família, enfrentou desafios. Nas “Casas Populares”, primeiro conjunto habitacional da cidade, construído nas imediações do antigo Quartel de Polícia, no bairro Nova Parnaíba, adquiriu seu único imóvel com muita dignidade.

Longe das tempestades existenciais, o caminho percorrido por Raimundo de Souza Lima, personalidade acolhida entre os pioneiros do jornalismo parnaibano, deixa como legado a Obra que o conduziu à imortalidade, reconhecido pela Academia Parnaibana de Letras onde se destaca como patrono da cadeira nº 21, ocupada inicialmente, pelo amigo Raul Furtado Bacelar, o farmacêutico mais antigo do Brasil.

Parnaíba, agosto de 2023

Reginaldo Costa, jornalista

léguas distantes do litoral.

O vareiro ou "porco d'água" que, em contrapartida, eram pelo p
ros", escreveu grande epopeia no l
suas varas de quatro braças. Teve
vaivém ao longo das coxias de suas
sua habitação desde a juventude.





VAREIROS DO RIO PARNAÍBA & OUTRAS HISTÓRIAS...

 cais do porto, que se dividia em dois molhes de pedra e cal, distanciados um do outro cerca de duas quadras, está repleto de carga abrangendo as áreas da fábrica Madeira & Veiga e Porto Salgado. São milhares de sacos e fardos preparados para embarque regular pelo porto de Parnaíba, conhecido no exterior por "Parnahyba – North Brazil". Longa fila de alvarengas lá estava recebendo tudo aquilo que logo mais seria despejado nos porões de vapores ingleses, em Tutoia, destinados aos portos de além-mar.

O rebocador "São Bento", ou "burro preto" como era conhecido na faixa do cais, flutuava ao largo, tranquilo e majestoso, cachimbando pela chaminé alta revestida dum preto reluzente.

Também nos intervalos ou espaços vazios entre os dois cais tomavam lugar as barcas de madeira, palhoças flutuantes que aos poucos iam afundando o calado sob o peso do carregamento de sal grosso e de

caixotes de mercadorias diversas. Destinavam-se à outra extremidade do rio Parnaíba, em cujo percurso se dava a troca de manufaturados e sal por matérias-primas, daí originando-se o empório comercial parnaibano da maior expressão já constatada em tempos que já vão distantes, em função da penetração e pujança regionais duma época.

– Mas esse comércio vivo e vigoroso, que prosperava rapidamente a pouca distância do porto de Amarração, muito antes do advento da cera de carnaúba, teve a sua origem na força física do homem do rio. No chamado vareiro, que antes de contar com o concurso da pequena embarcação a vapor teve ele mesmo de gerar a força motriz necessária para acionar as primeiras embarcações, desde o Porto Salgado até além do curso médio do rio Parnaíba.

O processo empregado teria de ser inevitavelmente o uso da vara e do cabo de espiada de manilha, atados ao tronco de árvores robustas e crescidas ao longo das margens do rio, serviam de força auxiliar no seguimento da embarcação nos locais de corredeiras mais fortes. Também a vela inflada de meia lona ou de algodãozinho recozido em tintura de mangue tinha a sua utilidade, quando a viração soprava mais

forte no verão, embora com pouca influência depois de algumas léguas distantes do litoral.

O vareiro ou "porco-d'água", como o chamavam os milicianos, que, em contrapartida, eram pelo primeiro tachados de "mata-cachorros", escreveu grande epopeia no leito do rio com a ponta ferrada de suas varas de quatro braços. Teve como tema o trabalho estafante de vaivém ao longo das coxias de suas barcas, ambiente que se tornava a sua habitação desde a juventude.

A complementação desse esforço, representado pelo desgaste físico no manejo de seus varejões, enfrentando as intempéries da região e os percalços da profissão, redundou pura e simplesmente numa das maiores injustiças já feitas ao homem serviçal daquela época.

As causas dessas implicações podem ser alegadas com base na premissa de que "as circunstâncias da época tudo se justificava, como objeto dum tributo prestado ao progresso nascente".

Não cabe aqui, a nosso ver, tal assertiva, se se levar em conta que o progresso foi baseado principalmente no oportunismo do esforço alheio. Na energia daqueles que, mourejando de sol a sol numa

cruenta batalha pela própria sobrevivência, atolados na completa ignorância em que viviam, cedo desapareceram, sem deixar um marco sequer na caminhada empreendida pela prosperidade material da região, da qual nunca participaram. Desapareceram para sempre em menos de meio século de labor intenso e proveitoso, só restando da classe numerosa que era, vagas e imprecisas referências como subsídio que se quis prestar à verdadeira história.

Foi-lhes abonada, sim, a suposta condecoração que ostentavam com orgulho no peito estufado e maciço, representada por aquelas duas "medalhas" ou manchas enegrecidas, marcadas pelo uso diário do varejão. Era o "sinal" do machismo que levava a peito por uma vida de sacrifícios que ele mesmo muitas vezes desprezava, ao ser lançado no ar, pelo açoite do varejão. Era precisamente no momento do tira-teima, se se partir a vara no apoio do finca-pé contra a correnteza violenta: via-se então um homem atirado de catapulta do convés, podendo estrear-se na própria vara ou, no mínimo, tomar um banho de trampolim.

Entretanto – aí o paradoxo – o homem do rio tinha consciência exata de suas obrigações, tanto no trato do trabalho diário como no tocante à mulher,

que era a sua manceba, cuja serventia maior era a de lhe dar filhos varões, para continuarem produzindo novas gerações destinadas ao labor cativo do rio.

De resto, para que pensar no dia de amanhã, quando a velhice distante não fazia sentido no curto alcance de sua completa ignorância?

Depois, tinha ele mesmo o rio largo e longo pela frente, com céu aberto em noites de verão; o vigor da juventude sadia apoiada na alimentação farta de carne seca gorda, feijão e pirão de farinha com tutano do corredor; fumo forte de pitar e mascar, alguns cruzados de sobra no fim de cada jornada, com cachaça e forró pra festejar a chegada. Para que mais? Estava satisfeito, sim.

Felicidade era o que ele, o Vareiro do Parnaíba, queria significar!

A Rua dos Barqueiros teve a sua origem no arruado de casas da “Quarenta”, lugar “quente”, que não tinha dia nem hora para começar o fuzuê, principalmente quando as festas vinham do dia anterior.

Sempre foi uma rua nescada, começando pelo estabelecimento de seu Zé Fenelon, hoje casa abandonada que serviu de quitanda-loja, onde eram fornecidas mercadorias a centenas de embarcações,

desde o fumo de mascar até as calças de brim JOFFRE com atracas de pano reforçado e de fivelas de latão à moda de retranca que segura o cintão porta-faca.

Depois, por causa de alguns pés de mungubeira plantados à margem das calçadas das meias-águas, que eram muitas, passou-se a chamar o local de “MONGUBA”, superando mesmo o cognome de “Quarenta” ou Antônia “quorenta”, que era o preço porquanto o “freguês” tinha de dar à filha por uma visita rápida.

Também ainda existe (existia) uma casinha onde mora (morava) a primeira mulher que habitou o mundo – A EVA.

Trata-se de um telheiro mandado fazer às pressas para socorrer a Eva, rapariga velha habitante há muitos anos nas imediações da Monguba. O Coronel Sebastião Furtado mandou fazer a tegúrio e deu para a Eva morar até morrer.

Mas a Rua dos Barqueiros é de fato o nome apropriado que ela merece, porque lá é que o aglomerado de embarcações se reunia, tanto para comprar como para dançar e beber nos dias do cotidiano.

Não foi, portanto, a rua do Tamancão que erroneamente se dizia chamar rua dos Barqueiros.

 vareiro típico, quando se achava de folga em terra, vestia calça de mescla ou de riscado grosso com camisa de meia de listrinha azul e branco circulando-lhe o tronco desenvolvido, em que sobressaía o peito largo e maciço, guarnecido com dois braços poderosos, cheios de tatuagens. Para a cabeça e os pés, o gosto variava; chapéu branco de abas curtas viradas para cima e tamanco pesados, com rosto de sola ou de pele de bode curtida. Às vezes, não usava nem uma coisa nem outra, mas o cintão de sola grossa com fivela de latão era indispensável. Aí enfiava a faca marinha embainhada com estrela de cinco pontas riscadas no cabo, para rebater mandinga de inimigos em casos de briga. Era o reverenciado cinco-salomão, que podia ser gravado também no cacete de jucá, arma deixada na barca e apanhada só quando ameaçado pela soldadesca.

Contando-se às centenas, o embarcadiço criara na margem do rio seu ambiente próprio de contatos e divertimentos nos intervalos de suas longas viagens nos estirões do rio. Sua presença ali era assim a razão de ser das noitadas alegres e ruidosas, entre mulheres, bebidas e os atritos

esporádicos com estranhos ou companheiros nas festas de noite inteira.

Mas uma outra “nação” de gente estava sempre metida em sua vida. Aparecia de maneira ostensiva ou simplesmente marcava presença em seus folguedos, onde mata-cachorro não era aceito nem à paisana. A polícia, para ele indesejável, não lhe perdoava as faltas, mesmo em suas áreas de influência, que iam do Tamancão à Coroa. Essa animosidade cresceu com o tempo, perdurando por largos anos.

O homem do rio sempre foi leal e valente, daí a solidariedade existente no seio da classe em terra, já que no trabalho a disciplina rigorosa dos mestres não davam margem a tumultos.

As lutas constantes entre embarcações e policiais marcaram época na então florescente cidade de Parnaíba, o único centro exportador do Piauí. Não existia, pode-se dizer, razão profunda para a continuidade da guerra acirrada entre as duas classes, quando a causa principal das rusgas se assentava unicamente no desforço que cada lado se julgava com o direito de tomar. Era a honra que precisava ser lavada às custas do facão “comblain”,

por um lado, e por outro, a troco do pau e da faca marinheira, para tirar o ranço do “canela preta féa da puta”.

Pedro Cambota, carcereiro velho, pelintra e astuto, melhor poderia citar, ao seu tempo, episódios da época em que a sua influência em prisões arbitrárias, geralmente por motivo fútil, podia ser decisiva na sorte do vareiro, estivesse embriagado ou não, exceto quando este vinha com salvo-conduto conferido pela Capitania.

Festeiro e blandicioso com mulheres, tinha entrada franca em todos os lugares em que a pândega contasse adeptos. Trazendo sempre consigo uma tesoura no bolso do paletó (era alfaiate nas horas vagas), costumava "cortar o pano" na folia, fazendo medidas com a tesoura em punho, já aí cantarolando com a voz grossa e pastosa:

"Sou alfalhões do primeiro ano.
pego na tesoura, vou cortando o pano,
vou cortando o pano, vou cortando o pano..."

Mas, de repente, estacava para ouvir aquela voz fina, de mofa, do vareiro, pirracento, sempre presente, que completava a cantilena:

“Vou cortando o pano da mortáí da tua mãe, féa da puta...”

O gracejo do porco resultava quase sempre no pagamento em dobro da carceragem no dia seguinte, “prá aprender a respeitar a ortalidade”. A desforra vinha logo depois, em luta que assumia características de pequenas batalhas entre soldados de “facão peado” de um lado, e embarcações do outro, estes últimos armados de porretes de pau-ferro ou o conhecido jucá “gôta serena”.

 ficou assinalado noutro capítulo deste livro que o homem do rio ou o "Vareiro" propriamente dito foi a pedra angular na formação do império comercial desta região, cabendo-lhe por isto mesmo lugar de destaque no encadeamento da ação aglutinadora em que de pronto se transformaria.

Apesar da nenhuma qualidade de sentido intrinsecamente executivo por ele demonstrada, por motivos óbvios, o homem fluvial estava sempre na linha de frente, garantindo sua presença como fonte alimentadora de energia física na luta com suas barcas, e nalguns casos, passando até mesmo despercebido no torvelinho de sua faina diária.

Mas esse sentido de sua ausência aparente já se tornara mui sintomática, logo que o movimento de rebocadores e barcas se encaminhou sem motivo compreensível para o estado de abandono indefinido em que foram deixadas essas embarcações.

Era certo que a fase de assoreamento do rio continuava o seu trabalho demolidor de todos os anos, não obstante a injeção daquela verbazinha chorada dada pelo governo para contentar parte das necessidades carentes de emergência, e o restante para o atendimento do "livre e independente eleitorado

de nossa terra". A verba vinha, sim, para o fim destinado à rubrica consignada em orçamento anual, mas sempre sujeita às manobras arditas da famigerada "devolução de verba por exercício findo".

Enquanto isso, o problema que antevia o desastre iminente marcava o seu fim trágico, liquidando tudo numa só cajadada: – aqui, ladeando as duas margens do calmo rio Igaráçu em frente à cidade, erguiam-se verdadeiras montanhas de vapores e barcas imprestáveis, transformados em formidáveis cemitérios de sucata; ali, eis o mais funesto da tragédia! – estava o homem atingido bem no coração!

Certamente que falamos aqui do "porco-d'água", do desbravador das águas procelosas do rio nas subidas tormentosas e nas descidas perigosas, viajando ao sabor do "rolo" por ocasião das grandes cheias. Era o vareiro que de repente se via banido do meio ambiente onde sempre viveu para, sem qualquer alternativa, outra coisa não ter que fazer senão estirar a mão à caridade pública, já pela força do desemprego, já pela perseguição da fome que o apossava de todos os lados e mais os filhos espúrios, herdados na noite negra de seu destino.

O dramático de tudo isso se encerra, no entanto, com um diálogo curioso, em que o pobre diabo estira a mão para o que tem, suplicando com voz sumida:

– Olhe, seu moço, faz dois dias que não como. Não é que atrás do pobre corre um bicho?...

– É, meu caboco, – replica o que tem – mas atrás do rico correm dois: o pobre e o bicho!...

Mas, abordando-se o assunto tratado linhas acima com maior profundidade em termos de realização planejada, como foi o caso do empório parnaibano, nascido em princípios do século XVIII no litoral piauiense, tem-se em que nem aqui o homem instruído fugiu à trama da história.

Comerciantes de larga experiência, apoiados na eficácia do sistema europeu, aqui começaram pelos Dias da Silva, portugueses de origem, ao implantarem seu movimento de charqueada localizado no Porto das Barcas. Então, as coisas marcharam rápido e equilibradas, desde o seu início.

Anos depois, chegaram os ingleses e em seguida os franceses para, por último, se instalarem também os alemães, formando todos assim um bloco muito denso, cujo controle comercial

passou a abranger não só toda a extensão do Piauí como também as áreas comerciáveis dos estados vizinhos.

A prosperidade repentina despontou por todos os lados, mas nem assim acompanhou tanto quanto necessariamente o impulso que o novo conceito de mercado veio a marcar nos anos subsequentes. É o que se poderia chamar de "dormir no ponto", enquanto a história marchava a passos largos, deixando para trás um grupo que se deleitava com os êxitos alcançados de maneira aparentemente fácil, tranquila e duradoura.

Mas o tempo, que tudo desgasta para reformá-lo novamente – aí com todo o vigor de força nova – passou com a violência dos cataclismos sociais, deixando em sua passagem reformadora um montão de escombros, ocasião em que imprimiu puro logro, resultante do cochilo pregado aos "sonhadores", fazendo-os acordarem para a realidade. Acordaram atordoados, com o brado de "tem mouro na costa", só então se apercebendo de que os seus domínios tinham sido invadidos. Viram de repente que o "ladrão" estava de posse do mapa da mina, que outra coisa não era senão a constatação

da falha do filão do rio, que se extinguia através daquela fonte de riqueza quase inesgotável.

O corre-corre de emergência em nada ou quase nada pôde influir, uma vez que o baixo Parnaíba estava anulado em grande parte de sua extensão, principalmente em seu reduto final, em que mais da metade de sua frota de rebocadores se achava imobilizada pela ação da ferrugem. Aí também faltavam os meios de comunicação terrestre praticamente inexistentes, onde só ficava o mar a pouca distância de Parnaíba, à espera do porto, que virou tema obrigatório de plataformas políticas. A maré deu de vazante, para nunca mais voltar.

O que fazer, senão entregar os pontos a um concorrente sagaz e diligente, que a essa altura já se embrenhara sertão adentro no seu “fordeco” de bigode ou à frente de grandes comboios de burros, procedentes das divisas próximas. Vieram para fazer toda a espécie de negócios, suprimindo desta maneira a ação do rio, agora com a sua foz semiobstruída.

Logo começou o trabalho de absorção de matérias-primas, feito na fonte de produção pelo comprador ambulante, que comprava o produto de

porta em porta, fazendo o pagamento à vista a preços naturalmente superiores aos oferecidos pelos tradicionais compradores parnaibanos.

Desmoronava-se assim um império comercial outrora sólido e respeitado, cuja tradição ultrapassou fronteiras por quase dois séculos – não obstante existir ainda agora possibilidade de real recuperação por todo esse tempo perdido.

É que os tempos mudaram para melhor, ao contrário de antes, em que a falta de diálogo franco e aberto, amesquinhado no passado, contribuiu decididamente para gerar um clima de eterna desconfiança. Desconfiança envolta em véu turvo de ritualismo ingênuo, que se convencionou tomar por aquela sentença que diz “o segredo é a alma do negócio”.

Felizmente, cessou a ação do incrível cochilo, resultante da suposta autossuficiência que embalava o pensamento do grupo autocrata da época. O erro foi, afinal, reconhecido e proclamado pela voz da história de ontem, de hoje e, provavelmente de sempre! A luz foi feita, cujo clarão certamente iluminará as mentes das novas gerações, que agora se conscientizam da realidade.



Tomado
dos, Capivar
deixando-se t
chilando. Um
calçou-lhe o e
diatamente, a
na cara do so
rado.

— Jac
tou Zé Capiva
— Num h
cas de injuria
de cortiço

quiproco
numero maio
ra foi no fim
valentia.



o quase de surpresa
a piscando para os
ficar quieto a um cano
soldado, o mais afofo
chamito aceso em sua
ao lançar inesperada
aldado, que rodopiou

ré dança, se a r
ara, empunha
nstante a br
s que era o
os da Olaria
o. Embora
r de emba
da peleja

no m
ontendas
mpre acorr
a tivesse ba
volvidos no a
udicado de to

nes, grada o
logia-se acov
m e copo na
se dele e, de
do vareiro
do copo d
pos, cego

a da pu
de fer
stran
ma p
rac
Z

uando o “Parnaibano” venceu a última curva do rio Igarauçu em direção ao Porto Salgado, meu irmão Antônio e eu vimos da ribanceira onde estávamos, que trazia a reboque oito barcas de madeira carregadas. Era um rebocador muito pequeno, mas estava equipado com duas máquinas de grande potência para o seu tamanho.

O carregamento, trazido do alto Parnaíba, consistia em couros e peles, algodão, semente e nozes oleaginosas, tais como mamona, babaçu e tucum, também, grandes fardos de folhas e raízes medicinais diversas. Toda essa miscelânea de produtos primários constituía fonte de riquezas inestimáveis, cuja utilidade real só os compradores de países estrangeiros conheciam bem o seu valor no mercado internacional de transformação industrial.

Como o “Parnaibano”, havia outros rebocadores também e algumas “gaiolas” de passageiros que viajavam regularmente entre a foz do Igarauçu e grande extensão do rio Parnaíba. A finalidade dessas viagens consistia no comércio de trocas de artigos fabricados e sal grosso, com as populações localizadas centenas de léguas distantes do litoral,

dali trazendo de retorno o que interessava aos compradores de além-mar.

O resultado dessas operações era, de fato, compensador para os compradores, comerciantes da região, pois recebiam dos compradores estrangeiros o pagamento em moeda forte, isto é, em libra esterlina e dólar.

O regresso do rebocador "Parnaibano" ao porto de Parnaíba era, para nós que morávamos perto do rio, motivo de grande rebuliço, principalmente entre os meninos, que estavam sempre nadando ou pescando, jogando peteca de palha de milho ou simplesmente exercitando o corpo nas brigas cômicas diárias, terminadas com nuvens de areia atiradas pelos instigadores.

A população da beira do rio estava sempre presente às chegadas de rebocadores, atenta às manobras de atracação e ao palavreado pitoresco da tripulação de gente moça, alegre e façanhuda. Eram homens fortes e rudes, afeitos ao sol e à chuva que lhes curtia a pele lustrosa e tostada, enrijecendo-lhes os músculos separados e as mãos com força de manopla pelo manejo da vara de ponta ferrada e do cabo grosso de manilha.

Das barcas já enfileiradas em ancoradouro próprio, eram arriadas as pranchas largas e pesadas, por onde desembarcava grande variedade de pássaros e de animais não domesticados, saindo primeiro as araras coloridas e assustadiças. Os papagaios barulhentos vinham em seguida, para só depois aparecerem os macacos com os rabos enroscados nos pescoços de seus donos, amedrontados com o alarido da cachorrada agressiva e faminta. Os porquinhos ruivos e roliços eram sempre carregados nos braços, o que não se dava com os filhotes de onça pintada, metidos em gaiolas de tabica, mas prontos para os tapas repentinos com suas garras afiadas.

Grande extensão da praia ficava logo tomada por um rol de coisas para se vender e comprar, ou para serem recebidas de presente de algum amigo. Mas o interesse da meninada vadia estava exclusivamente nos "mandados" que cada um esperava fazer por dinheiro. O dinheiro corrente maior no mundo da petizada era o tostão, embora as moedas de cobre ainda tivessem o seu ínfimo valor – nos tabuleiros de pés-de-moleque ou nas vendas de bananas e cocadas.

A disputa começava quase sempre em torno dos

"mandados", pois duas gaiolas de pássaros comuns eram levadas por dois vinténs, se à distância curta, assim como entre a olaria e o largo do mercado. Se, em vez disso, o "carrego" fosse de papagaios para o Largo da Igreja, o dono teria de pagar um tostão – para compensar os beliscões e a implicância besta dos cachorros com essas aves faladeiras. As araras, vistosas e desejadas, iam bem, presas pelo pé a uma vara comprida. Dois meninos faziam esse trabalho, recebendo, por isso, pagamento melhor.

Os macacos, esses sempre foram peças ruins de lidar. Escandalosos, irritadiços e mordedores, terminavam dando prejuízo. Arranjavam toda sorte de artimanha para escapulir, mesmo com o risco dos cachorros, que não lhes davam trégua em suas correrias loucas, obrigando-os a subirem nos telhados.

Chico Tutano, encarregado de compras de macacos, saguis e papagaios para vender ou trocar por vestuários e perfumes a bordo de vapores ingleses em Tutoia, desencava a meninada quando lhe escapava um desses animais. Não pagava ninguém nesse dia, mas se mostrava generoso noutras ocasiões, quando bebia zinebra na quitanda de seu Erasto, que o quitandeiro chamava Genébra e garantia ser

bebida estrangeira de primeira qualidade, reservada só para pessoas consideradas.

Chico Tutano, feliz com a referência feita à aguardente e ao seu bebedor, mandava dar bananas e bolos por sua conta à gurizada ao seu redor. E mais: dois vinténs para cada guri, se não fossem mais de dez, porque ali estavam representados dois tostões, exatos.

Leôncio Marques, chamado pelo próprio de “Pesado das Aroeiras”, depois de comer de graça no frege da Mimi Galinha – rapariguinha que negociava no porto com comida e com o corpo roliço, oferecida a preço de ocasião – meteu o prato esmaltado com a colher de latão no cofo que trazia a tiracolo e saiu feliz da vida.

Entrou no estabelecimento comercial de seu Vicente Sales, logo no primeiro quarteirão do Porto Salgado e pediu uma "chamada", que o caixeiro serviu de graça. Era para rebater a aca enjoativa da panelada da Mimi Galinha, que não parava de vender à freguesia diária do porto o seu prato fumegante de "miúdo", tremendamente apimentado.

Leôncio Marques, que levava a vida livre, de intensidade integral, isto é, comendo, bebendo e dormindo onde quer que lhe desse na telha, partia do princípio de que, segundo a sua própria convicção, o dinheiro sempre foi o pior mal do mundo. O separador da pureza que nasceu com o homem, ele que veio ao mundo chorando, pedindo pra voltar assim que sentiu no corpo o contato das mãos da parteira, que estava ali só para serviço por dinheiro, pelo maldito dinheiro, que era obra do satanás.

O seu raciocínio, por vezes desencontrado, de sentido abstrato, levava-o a crises intempestivas. Falando alto, copo na mão, dizia palavras desconexas, apontando com o indicador um lugar no espaço infinito. Então, ria com a boca escancarada, perguntando com ar de mofa a um suposto interlocutor: “E o Deus, quem é?” Depois, seguia-se outra pergunta: “E o Diabo, quem é?” Inesperadamente, gritava com toda força dos pulmões: “Eu quero me empautar, quero me empautar... para conhecer o Diabo! Sim, quero saber quem inventou o dinheiro, isso que criou toda a miséria do mundo. O dinheiro que separa os homens uns dos outros. Comida nas mesas para uns e para outros manda encotar como cão leproso”. Mas num instante fazia como que uma apologia do cão, o amigo do homem.

– O cachorro – recomeçava – é esse animalzinho que apanha que nem boi ladrão, mas é sempre fiel a quem lhe dá um pedaço de pão seco. Sou igualzinho àquela cadela que está ali esperando um osso. Só que eu não tenho dentes para morder um pedaço de pão atirado por um vagabundo qualquer. É, cachorro que não tem dentes para morder não deve viver entre os filhos do dinheiro, pois quem

não morde é mordido. Ah! Ah...ah..., o dinheiro que compra e vende o homem!”.

Sua aversão ao dinheiro era quase obsessiva, um misto de paranoia e cinismo, em que a esquizofrenia se acasalava com o desprezo das conveniências sociais. Discorrendo sobre essa estranha filosofia de vida, podia falar durante horas seguidas – certamente tropeçando aqui e ali, em pontos obscuros de ordem abstrata.

Sua pousada era invariavelmente no galpão do Estado, aonde voltava ao anoitecer para contar “rodelas”, quando aí não chegava embriagado. Nessas ocasiões, puxava conversas variadas com os companheiros, enquanto cuidava da enorme ferida crônica que lhe corroía o pé, deixando-o atormentado durante boa parte da noite. Corria o “vidro” entre os infelizes do destino, erguendo sempre um brinde àquela chaga exposta, que lavava depois com cachaça canforada. Era quando se sentia deprimido, ao pensar na amputação da perna, que se tornara uma permanente ameaça por parte do doutor. Era o doutor Candinho, médico da Santa Casa, que mandava fazer curativos dos mais enérgicos, a fim de evitar que a perna fosse cortada.

Apesar de saber que o médico não o estava enganando, tinha ainda assim um resto de fé confusa na ação curativa e jocosa da cachaça. Aliás, a cachaça era para ele uma consolação que suavizava uma porção de coisas. Por exemplo: tinha aí o prazer de recitar uma quadrinha muito de seu agrado, que dizia.

Cachaça jeribita,
feita do pau do capucho;
Bates comigo no chão,
Bato contigo no bucho.

Certa noite chuvosa, ao se aproximar do abrigo dos armazéns do Estado, Leôncio Marques entrou cambaleando no bequinho escuro da Alfândega que dava para o galpão grande. Entrou resmungando, “fazendo visagem”. O sentinela, meio arisco, grita do seu posto para o vulto que se aproxima:

– Quem vem lá?

O vulto continua aproximando-se, sem dizer palavra. O soldado João Medeiros, da guarnição federal, agora desperto, mas um pouco amedrontado com o ruído esquisito, repete a advertência. Não tem resposta alguma. De repente, parte um

disparo de mosquete na escuridão, enchendo todo o vão do galpão, ecoando em toda a sua extensão.

Passado um instante, o sentinela aproxima-se cautelosamente com a arma engatilhada, para ver a cara do intruso.

Lá estava Leôncio Marques, estirado no chão de cimento, logo improvisando esta loa:

Sou o Pesado das Aroeiras,
Filho do Zé Furucuteu.
Quem quiser provar que veja
Que o Leôncio não morreu.

ZÉ CAPIVARA

 caso começou na quitanda de seu Coriolano, nas proximidades da Quarenta, onde Zé Capivara estava bebendo cachaça com embiriba desde o anoitecer daquele sábado; era um suposto festar de ano, cuja data não sabia ao certo.

Homem feito, com aquele peitoral maciço de "medalhas", alteadas entre os dois braços musculosos cheios de tatuagens, presentia que a qualquer momento ia se ter com a soldadesca que chegara meio braba de Teresina, doida para bater em quem quer que aparecesse no caminho de suas rondas noturnas costumeiras.

Esse presentimento logo se confirmou, quando os "mata-cachorros" entraram de repente na quitanda de seu Coriolano, de facão costela de vaca em punho, num ato de pura provocação.

O desafio aos "porcos-d'água", que bebiam com Capivara, logo partiu de um deles, começando pelo provocativo "jacaré dança ou não dança, cornos"?...

Tomado quase de surpresa pela invasão inesperada

dos soldados, Capivara piscando para os companheiros fingia acovardar-se, deixando-se ficar quieto a um canto do balcão com o copo na boca, cochilando. Um soldado, o mais afoito, aproximou-se dele e, de repente, calcou-lhe o charuto aceso em sua orelha. A reação do vareiro veio imediatamente, ao lançar inesperadamente o conteúdo do copo de cachaça na cara do soldado, que rodopiou com as mãos nos olhos, cego, desarvorado.

– Jacaré dança, se a mãe tocá, canela preta, féa da puta! – gritou Zé Capivara, empunhando a marinheira.

Num instante a briga começou, no mesmo clima de fereza e trocas de injúrias que era o trivial das contendidas, logo se alastrando por todos os cortiços da Olaria, donde sempre acoirava a vareirama, pronta para o quiproquó. Embora a soldadesca tivesse batido em retirada, dado o número maior de embarcações envolvido no arranca-rabo, Zé Capivara foi, no fim da peleja, o mais prejudicado de todos, pela sua intrépida valentia.

Levado pelos companheiros para o casebre de tia Chica, aí ficou alguns dias entre a vida e a morte, entregue aos cuidados da preta velha mezinheira,

que era uma especialidade sua, nos intervalos da labuta de seu frege na Tamarineira.

Tia Chica tinha o que se podia chamar de “olho clínico”, às vezes com antecipação se o cristão morria ou escapava, assim que passava a mão espalmada pelos olhos do paciente. Zé Capivara, apesar de ter sido desenganado por muitas pessoas, reagia bem, depois de beber um pinto vivo pisado no pilão, e mais as rezas do ritual, que serviam também para a cura e fechar o corpo do enfermo, em casos de ferimentos à faca ou cacete.

– Agora não se meta mais em briga – deu por encerrado o tratamento de Capivara, acrescentando que a regra era a seguinte: seu corpo está fechado, portanto, cachaça só com: embiriba, para prisão de obra e da urina; com carnaúba e angico, para fraqueza do peito; com cabeça-de-negro, para entrevamento do mal de amor; com cravinho, para empaçamento e arrosto choco; com quina, para sezão ou morrinha do corpo; com raspa de unha... Bem, aí a coisa era diferente! Bastante diferente, sim, porque a raspa da unha só devia ser usada como defesa, pois era botar uma pitadinha que fosse no copo dum "mata-cachorro" ou no de quem andasse conluiado

com ele e o efeito era como o dum tiro no ouvido. O infeliz tinha de cair dali a um nada, estrebuchando e se mijando todo até morrer. Também era assim com o feijão-verde, botado no sobejo de copo deixado do outro dia.

 hico Preto, negrão de cor, tirado a café com leite, costumava dormir logo após o anoitecer, esticado na rede de tucum, dependurada nos galhos duma mungubeira que rodeava o largo do mercado. Aí ferrava no sono assim que fechava os olhos.

Fosse pelo enfado do corpo grande e desengonçado com que dava duro na lida diária daquele seu fim de carreira, agora passado em terra; fosse pela tonteira que sentia já pelo fim da tarde, quando os quase três quarteirões de cachaça com embiriba tinham sido consumidos entre o rio e a freguesia do mercado, trabalho que fazia para matar a sede de tudo quanto era comboieiro que se abancava ao redor das mesas de caixotes para comer e beber, fazendo o maior alarido do mundo. Fosse lá como fosse, o certo mesmo é que o sono tinha para ele o maior valor desta vida, tanto assim que dormia sempre trepado no alto das mungubeiras. Com isso queria garantir o sossego do seu sono, e também precaver-se contra o furto de seu dinheirinho, que guardava no forro do chapéu de couro com barbicho passado e do qual não se separava nem pra dormir.

Chico Preto estava, no entanto, de pé muito antes do amanhecer, virando nas brasas uma espetada de caícos, que comia com farinha seca feito pirão d'água. Era então a hora de começar a carregar água. Iniciava primeiramente com o pote agigantado, deixado da biqueira do frege da Maria Mulata, para o serviço de lavagem das louças do café. Na volta do rio, onde dava um mergulho despido com o chapéu enterrado na cabeça, punha a jarra no ombro e saía choteando até alcançar a calçada alta do seu Xai-del, já no largo do mercado. De repente, vinha-lhe aquela vontade louca de virar o copo, para abrir as ideias, antes do sol nascer. De fato, Maria Mulata já estava esperando a água, com os dois vinténs e os quatro dedos de cachaça no copo. Era o pagamento do primeiro serviço do dia, por isso benzia-se com a moeda, guardando-a no forro do chapéu. Muitos outros dois vinténs eram ganhos no correr do dia, só que, pouco antes do pôr do sol, vinha-lhe aquela tontice com enjoo no estômago, o que atribuía ao peso da lata na cabeça, nunca à cachaça.

A sua outra ocupação era, no entanto, inteiramente diferente daquele sarneirão diário, pois, para variar, se tornara um manhoso matador de

ratos. Matava quantos ratos aparecessem, embora apanhados na ratoeira de arame fino de seu Raimundo Lemos, o dono do pequeno armazém de milho, improvisado ali no largo do mercado. Chico Preto sentia verdadeira sensação de prazer ao levar a ratoeira cheia de camundongos para o centro da quadra: lá, munia a menina e dava início à matança dos roedores, que era mais uma carnificina com requintes de malvadez do que um extermínio natural à praga dos ratos.

Munido de uma garrafa de querosene, despejava parte do líquido sobre os ratos presos, que, assustados com a algazarra dos meninos, procuravam fugir pela cabeça da ratoeira, aberta propositadamente para a fuga precipitada. Mas aí estava Chico Preto com uma tocha acesa, para o final do espetáculo tragicômico. A rataria saía aos borbotões com os corpos incendiados, abrindo caminho a qualquer custo. Chico Preto, como figura central da chacina, exultava como menino travesso, ora saltando com a tocha na mão, mostrando os seus dentes pontiagudos caprichosamente limados, ora perseguindo com a tocha este ou aquele ratinho apenas chamuscado, procurando abrigo em vão.

Mas um ratão, talvez o chefe do bando, na tentativa desesperada de escapar do cerco, modifica repentinamente a situação. Atordoado, entra pernas acima nas calças de Chico Preto, indo alojar-se na altura de suas virilhas. Tomado de surpresa, entra em pânico atirando as pernas em todas as direções, ao mesmo tempo em que tenta livrar-se com as mãos do bicharoco, fervilhando, molesto. Sem nenhuma saída salvadora, Chico Preto rendeu-se, aos gritos, apavorado, sacando as calças para longe com um safanão de alívio. O gozo da meninada dobrou.

AVENTURAS DE MIGUEL UMBIGO

 Miguel Umbigo cansou de varejar Pau na Cara do Porto Salgado até Floriano, dia e noite, com descanso apenas para comer aquele escaldado bruto de carne seca com pirão e duas ou três horas de madorna assustada no barranco do rio.

No verão, até que o terral ajudava um bocado a vela retalhada de remendos a empurrar o batelão ronzeiro, metedor de “querosene” pelas costuras para estragar a carga de sal. Mas no inverno, era como se o indivíduo viajasse para o inferno, com a vara no peito, chuva nos lombos e mais um dilúvio de muriçocas para chupar o sangue do cristão na escuridão da noite.

Depois – matutou – não queria mais meter-se em encrencas com soldados, por causa das rameiras de Floriano, que eram muito traquinas, tendo sido uma delas a causadora da briga em que lhe estufaram o umbigo a facção – daí o apelido imediato.

Por isso, resolveu deixar a linha de cima pela do “comerço” de macacos e papagaios. Sabia cozinhar razoavelmente bem, conhecendo ainda serviço geral de convés, o que lhe bastou para obter um lugar de mestre-cuca na linha de Tutoia.

Em sua primeira viagem, que devia ser de observação sobre negócios de troca de animais por mercadorias dos ingleses e americanos, levou uma oncinha, como chamariz. Logo se viu acochado por dois tripulantes do “americano Fretendends”, o animalzinho, que repentinamente se tornou agressivo.

Miguel Umbigo não perdeu a calma, tratando de convencer os dois fregueses em seu linguajar pitoresco do rio, que a oncinha tinha estranhado era a fala esquisita deles, e que até ele mesmo estava com sobrosso daquela fala, pois não sabia se queriam comprar ou só olhar o bichinho.

Mesmo assim, explicou em voz alta e compassada, que o gatinho custava era um conto de réis, no barato, porque não se tratava de gato comedor de ratos, não. Aquilo era bicho apreciado, que quando crescesse, comia era gente, estavam ouvindo?

Um dos rapazes parece ter compreendido o preço pedido, porque passou uma nota de cinco dólares

às mãos de Miguel Umbigo, que foi prontamente recusada por este, alegando que aquele dinheiro não tinha valor; quando muito podia ser trocado por uns quinhentos mil réis. Por aquele preço não vendia.

O outro voltou à carga, juntando mais uma nota de um dólar à anterior. Pronto, aí estão seis dólares – concluiu em sua linguagem.

Miguel Umbigo ainda não estava pelos autos, e mais uma vez recusou o dinheiro, pois preferia uma troca por tecidos e bonés de lã. Mas com a interferência de pessoas que se achavam presentes à transação, modificou inteiramente a decisão tomada, ao saber que a importância oferecida correspondia, ao câmbio da época, a cerca de um conto e oitocentos mil réis. O negócio foi fechado imediatamente, com abraços e trocas de amabilidades nas duas línguas arrevesadas. Na próxima viagem, traria papagaios – ajuntou feliz de si.

CÂNDIDO PRETO

 homem agonizava já algumas horas, mas antes pedira à mulher que desejava enterrar-se de terno branco e colete preto, com o relógio de ouro e corrente no bolso do peito do paletó.

A mulher tranquilizou-o, acrescentando que não poria luto, conforme haviam decidido antes – no caso de ser fatal aquela crise. O moribundo, reconhecido, alisou-lhe os cabelos, mas inesperadamente cuspiu-lhe no rosto, o que foi interpretado pela mulher como mau presságio.

Refeita do choque, benzeu-se, apressadamente, acendeu velas, queimou incenso e em seguida começou a despir-se ante o olhar incrédulo das duas pessoas que a assistiam. Como se tivesse entrado em transe, ia pronunciando palavras ininteligíveis, com o olhar vago e as mãos estendidas sobre o marido, agora inteiramente imóvel.

Ia remover as duas últimas peças do corpo, quando Cândido Preto entra no quarto misteriosamente e a envolve num manto preto brilhoso,

com sinais cabalísticos desenhados em vermelho e branco. O homem, de porte agigantado, é servidor antigo da casa, daí talvez a interferência oportuna antes de se consumir aquele ato estranho aos presentes.

A mulher ficou calma, presa aos braços do gigante, que a conduziu meio adormecida até o leito em que estava o marido. No entretempo, os dois estranhos haviam examinado o enfermo com atenção, ora tocando-lhe os olhos com a ponta dos dedos de unhas pontiagudas, ora puxando-lhe a língua e picando-a repetidamente com uma agulha longa. Como o corpo estava inerte, sem uma reação sequer, concluíram que o homem estava morto, o que foi comprovado depois.

O enterro foi feito obedecendo a um certo princípio ritualístico, em que o defunto além do traje recomendado, com relógio e corrente de ouro, levava uma espada de cavaleiro, mas com os olhos vendados.

Cândido Preto e a viúva se encarregaram de velar o corpo e encomendar a alma durante a noite com exorcismo.

Depois do enterro, passados muitos dias,

Cândido Preto apareceu morto com a espada atravessada no coração, com o relógio pendente no peito. A mulher era sua antiga amante.

prote-
chicha

...im P
a, "zina
vendeu-lhe o
do à medida
ais da vida do
oi no momento
ra velha, a
iga de moçota

e bem como

ra
hata
um fra
eceu. iss





Maria Camila, recostada a u
de par lhe acenderem o cigarro oro
apaga de propósito. — Era aquela
quase beijar a cara dos homens cor
no centro. Antes não precisava
não prevenir-se contra um
etia mundos e fundos para

da tinha ficado mais difi
culos numa noite agitada
para aliviar-lhe a miopia que b
decentes aqueles — embora
Nenem Picolé, que ela sabia gerado por
nunca souberam o que foi porre
o que ela já gozara em Man
corra à rá

aria Camila, recostada a um poste de luz amarelada do cais, pede para lhe acenderem o cigarro ordinário pela segunda vez, que ela logo apaga, de propósito. Era aquela a única maneira de olhar de perto, quase cheirar, a cara dos homens com quem tinha de dançar e beber pela noite adentro. Antes, não precisava daquela cavilação, que outra coisa não era senão prevenir-se contra um ou outro vareiro bêbado, que a princípio prometia mundos e fundos para dali a pouco só sair pancadaria e “chumbo”.

Sua vida tinha ficado mais difícil nos últimos tempos, desde que perdera os óculos numa noite agitada de fuzarca, cujas lentes especiais serviam para aliviar-lhe a miopia que beirava as raias da cegueira. Óculos caros e decentes aqueles – embora lhe tivessem valido o apelido de Nenem Picinê, que, ela sabia, gerado por simples despeito das companheiras, que nunca souberam o que foi correr terras e nem ao menos sonharam com o que ela já gozara em Manaus. Lá na terra da borracha, onde dinheiro corria rédea solta e os seringueiros, encasemirados, com a boca cheia de ouro, acendiam charutos eram com notas que as mulheres não conheciam nem o valor. Agora que as coisas haviam mudado,

a situação dura em que se achava não oferecia alternativa de dias melhores. Mesmo porque a mocidade distante passada no Amazonas não dava mais para sonhar com aqueles dias de gloriosa e abundante prosperidade.

O cigarro volta a acender-se pela terceira vez, enquanto ela protege o fósforo com as mãos em concha, ao mesmo tempo em que cochicha no ouvido do “seu menino” alguma coisa que o faz rir.

O homem toma-a pelo braço, fazendo-a entrar no botequim próximo, sentando-se ambos a um canto. Ele pede “sisi” para ela, “zinerá” para ele. Admirada com a atitude diferente do estranho, estendeu-lhe o copo para queimar o refrigerante. As doses vão se repetindo à medida que ela vai desfiando sua história de mulher do cais. Mais da vida do que do cais, quando abandonou a casa, bem nova ainda. Foi no momento exato em que era enxotada de casa pela madrasta, rameira velha, acesa e briguenta, logo que dera pelo crescimento de sua barriga de moçota de treze anos.

Antônio Piau, o namorado – lembrava bem como se fosse naquele instante, prosseguia animada – dera-lhe voltas de miçanga, latinha de pó de arroz

e uma capa de dente dourada trazida do inglês, para encobrir o preto da presa furada. Sim, ganhara, também, um espelhinho de seio com retrato de Santo Antônio e um frasquinho de cheiro de oriza, perfume bom que nunca mais esqueceu. Isso não ia esconder de ninguém, porque gostava mesmo era de Antônio Piau, por isso entregara-se a ele, de corpo e alma. Mas depois do parto, desamparada e sem futuro, decidiu ganhar a vida noutra lugar, já que o filho nascera morto, e de repente foi convidada por uma família para morar no Amazonas.

A conversa ia num crescendo entre o vozerio das mulheres que se acercaram da mesa dos dois para beber, quando gritou uma voz vinda de fora do boteco:

– Jacaré dança, ou não dança!?!... Ameaçou um soldado agigantado do bando recém-chegado, com o facão desembainhado.

– Se a mãe tocar, dança, manicaca féa da puta! – rosnou um homem troncudo, segurando o cabo da marinheira atravessada no cintão.

Maria Camila, meio tonta, sai rebocada pelo companheiro, que atravessa a porta dos fundos, desaparecendo ambos no matagal, enquanto o

fuzuê crescia de intensidade, prosseguindo pela noite adentro.

Pedro Simão, ex-seringueiro no alto Purus, chegara de próximo e então resolvera dar uma volta no “perebal”, engraçando-se sem saber como do rosto atraente de Maria Camila, que entre todas era a mais limpa e com ares de gente viajada.

Cedo, pela manhã, acordou areado, tentando lembrar-se do ocorrido na noite anterior, enquanto apalpava o colchão macio em que se achava deitado. Ia passando a vista com surpresa pelo quartinho mobiliado, limpo e cheiroso, tudo aquilo parecendo-lhe um sonho.

Maria Camila, já refeita da carraspana, apareceu-lhe de repente com um tigelão de caldo apimentado, enquanto salta para a cama e se dispõe a terminar a história interrompida na outra noite.

– Seu regresso de Manaus – retoma o fio da história – poderia ter-lhe garantido vida tranquila na velhice, já que na ocasião sentia que os encantos do corpo cheiroso e roliço começaram a deixar os homens endinheirados indecisos em sua escolha. A hora então era de sair e assim o fez, com má sorte, entretanto, pois em viagem apanhou um ramo,

que lhe deu um baque na economia trazida. Fora o dinheiro da casinha que comprou, tudo se resumia no que ali estava, inclusive a perna manca que resultara da doença, muito bem disfarçada pelo uso das sandálias bordadas de salto postiço que mandara buscar em Belém. Encomenda feita exclusivamente para dançar, que sempre fora o seu fraco.

Assim mesmo, seu Emídio – o caolho do boteco da esquina – propusera-lhe amizade logo à primeira vista, porque vira nela a pessoa que há muito procurava. Queria-a para companheira e dirigente de sua casa de festas na Olaria, que estava precisando duma limpeza em regra daquela corja ordinária que se embriagava lá, mijava no salão e nem pagava mais a conta na entrada. Ele mesmo, que se dizia cansado, desejava era uma pessoa atilada e de respeito, assim como ela. Por isso passou a requestá-la, atraindo-a por todos os meios e modos.

De repente, Maria Camila faz uma pausa, para revelar uma coisa esquisita ao companheiro. Dissera-lhe que naquela noite tinha de dar resposta definitiva a seu Emídio sobre a proposta que lhe fizera, mas que estava com muito medo daquele homem.

– Por que esse medo? – indagou Pedro Simão, mexendo-se na cama.

– O homem é macho e fêmea, e diz que vira bicho todas as sextas-feiras. Amanhã é sexta-feira, fui avisada para encontrar-me com ele. É na porteira daquele curral – disse, encolhendo-se com o frio que lhe corria pela espinha.

– Por que na porteira do curral? – inquiriu Pedro Simão, olhando-a desconfiado.

– É lá que ele possui a gente, esfregando a criatura no estrume do gado, urrando que nem o satanás.

– Não acredito nesta besteira! – disse isto só por dizer, pois tinha verdadeiro pavor a bruxaria.

– Depois disso – concluiu ela – sai bufando, à procura de homens...

Pedro Simão, depois de matutar um pouco, decidiu ficar mais uma noite com Maria Camila, para tirar a limpo aquela história mal contada. Examinou a pistola FN, sacando o pente para conferir as balas. Disparou um tiro seco no tronco do tamarineiro do quintal, para certificar-se se não estavam frias.

Pedro Simão convencera Maria Camila a aceitar o encontro proposto por seu Emídio, mesmo não

conhecendo nada da empreitada sinistra, que por fim decidiu-se levar a sério.

Era quase meia-noite, quando saíram os dois para o lugar combinado. Maria Camila, caminhando na frente como uma condenada, acocorou-se em frente ao curral, esperando a chegada da entidade sobrenatural, que devia aparecer antes de cantarem os galos. De acordo com o combinado, Pedro Simão trepou-se no cajueiro fronteiro ao curral e ali ficou vasculhando com o olhar atento qualquer coisa na escuridão da noite.

Primeiro partiu um assobio fino e prolongado, ouvindo-se em seguida o troar da canzoada aproximando-se rapidamente. Tudo aconteceu num instante, no exato momento em que três disparos rápidos e secos foram feitos em direção ao vulto preto que se aproximava da presa. Apesar do tumulto dos cachorros e da espécie de sopro vociferante da “coisa”, tudo cessou rapidamente.

Ao descer cautelosamente da árvore, Pedro Simão foi encontrar Maria Camila deitada de costas, atordoada com o choque, tentando articular palavras incompreensíveis. Foram para casa em completo silêncio.

Pela manhã, correu a notícia da morte inesperada de seu Emídio. Morreu afogado no rio, quando tomava o seu banho costumeiro das quatro da manhã. O corpo não foi encontrado. Apenas as calças foram achadas ensanguentadas, apresentando três buracos de bala na altura dos quadris.

– Teria sido a pistola de Pedro Simão, de tocaia no cajueiro? Pode ser, porque segundo diziam, libosomem (lobisomem) não costuma olhar pro céu...

osso pai, que era magarefe, chegou certo dia mais cedo do mercado para recomendar a mim e a meu irmão Antônio uma lavagem caprichada em seu cavalo de sela. Queria também ração reforçada para um passeio à tarde, que entendemos tratar-se de "parelhas" com outros cavalos.

A irmã Zezé, a mais velha dos irmãos, piscou para nossa mãe, significando que a nossa ida ao rio era mais um motivo para o banho demorado, tomado diariamente a qualquer pretexto. Já estávamos montados, por isso não esperamos por decisão em contrário, que seria levar o "Pedrez" na água do barril enorme, cheio por nós todos os dias. Cavalo árdego, mas obediente a um simples toque de cabresto, logo saiu trotando com a cauda levantada em direção ao rio, a pouca distância de nossa casa.

Uma interrupção inesperada fez o trote cessar diante do primeiro piquete de meninos que brincava na beira do rio. Com a algazarra e o movimento do cerco dos meninos, o "Pedrez" perdeu a paciência e começou a dar patadas no ar, com risco de atingir os pequenos demônios, cada vez mais divertidos. Meu irmão e eu saltamos com medo de perigo maior,

embora intimamente participando da diabrura, que só tinha graça em situação diferente da nossa.

Feita a lavagem, com o animal nadando comigo no lombo, preso pelo cabresto longo nas mãos de meu irmão, voltamos para casa a pé, para não molharmos o fundo das calças curtas de duas fazendas. Parece que demoramos demais, porque o pai foi ao nosso encontro com um cipó grosso de malva...

Mas, ao anoitecer, nosso pai disse que não tinha havido parelhas com outros animais, e sim com um cavalo de ferro. Diante do nosso espanto, explicou que naquele dia uma locomotiva chegada para inaugurar o serviço de estrada de ferro estava experimentando os trilhos, estendidos entre a Estação e o Porto Salgado, correndo furiosa de um lado para outro, na Rua Grande.

Os cavaleiros, que a princípio ficaram olhando o movimento de longe, foram aos poucos perdendo o medo do barulho esquisito do bicho de ferro, até se aproximarem mais confiantes em seus cavalos ainda inquietos.

O pai tinha sido vaqueiro na mocidade, e na descrição feita para nós ao redor da mesa de jantar, deu

a entender que a tal locomotiva corria como que desafiando parelha.

Disse que alguns homens montados, mais afoitos, emparelharam carreira com o cavalo de ferro, quando este corria de costas, porque parecia desequilibrado e assim podia atrasar a marcha a qualquer instante. Mas logo veio o desengano, porque os cavalos cansaram de tanto correr, e no fim da teima, nunca alcançaram o demônio de ferro, que apitava e soltava uma fumaça preta de cegar a gente.

Fomos nos deitar essa noite impressionados com o acontecimento. Isso de uma coisa toda de ferro correr no chão mais do que um cavalo, apitando e espalhando fumaça ardosa por todos os lados, era de fazer medo. Os vapores também apitavam no rio e soltavam um pouquinho de fumaça, mas nunca se ouviu dizer que pudessem correr mais do que um cavalo, que era em nosso entender o animal mais corredor do mundo!

Não, parece que o cachorro corria mais, porque o “Pedrez” desembestou certa vez com seu Anselmo na sela e foi logo alcançado pelos cachorros, do descampado da Quarenta! Também tinha outro bicho que talvez corresse até mais do que o

cachorro, porque o pai disse outro dia que o tatu quando perseguido na mata, corria tanto na frente dos cachorros que o rabo zunia no vento...

O sono tinha chegado, afinal, mas a imagem medonha do bicho de ferro, correndo e apitando, soprando fumaça com fogo por todos os lados, tinha sido até então o medo mais forte que jamais sentira em minha mente irrequieta.

uando terminei o curso primário, meu pai me perguntou que ofício eu desejava aprender, uma vez que meu irmão Antônio já tinha escolhido o seu, que era o trabalho de marcenaria.

Sem muita convicção, respondi-lhe que queria ser mecânico, depois que fizesse o propedêutico, estudo complementar este que sabia estar fora de qualquer cogitação para as minhas posses de filho de magarefe naquela época.

Embora apreciando muito minha vontade de continuar a estudar, meu pai disse com a firmeza que lhe era peculiar, que eu teria de começar logo aprendendo a trabalhar, pois o ofício era acima de tudo o "pão da vida" – sentenciou.

O assunto ficou aí encerrado e tive então de preparar-me para cuidar da nova obrigação, que era para mim como um adeus à vida amena do menino pobre que sonhava acordado, cavalgando ginete fogoso em busca do país das maravilhas.

Enquanto tudo isso se passava em meu pensamento sobressaltado pelo receio do desconhecido, vi-me dias depois diante do galpão enorme que meu pai disse tratar-se do parque ferroviário da Estrada de Ferro. Eram ali as oficinas onde eu iria iniciar a

vida de proletário, humilde, mas honrado! – esta era a vontade de meu pai.

Depois de pedir a bênção a meus pais, como de costume, saí para o primeiro dia de trabalho emocionado, com lágrimas nos olhos. Eu tinha quase dez anos, mas era por índole o “chorão” da família, embora bastante saudável e revelando grande alegria de viver.

Iniciei a tarefa nas oficinas pelo cambão do fole, o conhecido “amansa cabrito”, que é aquele artefato feito para produzir ar para a forja de ferreiro. Embora as forjas fossem movidas por ventiladores mecânicos, o “amansa-cabrito” se tornara uma tradição na casa, para não dar “sopa” ao aprendiz poltrão.

Finalmente aprovei, depois de várias semanas “tocando fole pra mariquinha dançar”. O ambiente foi-se tornando mais alegre dentro daquele espírito de companheirismo encontrado no meio da juventude de todas as épocas.

Os primeiros anos foram se passando rápido entre as práticas aprendidas no manejo de máquinas diversas, enquanto o nosso mútuo relacionamento profissionalizante se tornara cada vez mais

sólido. O convívio diário com os colegas concorria para esse estado de aconchego espontâneo, principalmente engendrado por nós, resultante do furto de cocos e cajus que surrupiávamos do sítio vizinho de Dr. José Pires.

A “organização” tinha uma espécie de juramento entre os seus componentes, em que o segredo era o forte da composição de cada equipe. Havia, por exemplo, equipes com denominações como “fura cerca”, “atrai cachorro” e “rapa coco”. Eram mestres neste mister Fatiguê e Nonato Cabecinha, verdadeiros ases de imaginação.

Estávamos no penúltimo ano de aprendizagem quando me surgiu a ideia de dar um passeio em Amarração, para conhecer a vila e ver o mar. Também queria conhecer o vapor costeiro “cururupu”, que costumava abarrotar de carga os armazéns do Estado de uma só batelada em Parnaíba.

A licença de casa já tinha sido obtida com minha mãe, mas me faltava o dinheiro para as passagens de trem, que na época eram uns oitocentos réis de ida e volta. Por sugestão de um colega, fui falar com o Dr. Picanço, chefe do tráfego, para fornecer-me um passe livre para a viagem. Ao me aproximar do

gabinete do engenheiro, vi através da porta de vácuo que ele conversava animadamente com uma pessoa, em linguagem esquisita, falando alto e rindo como se estivessem bebendo. Arrisquei uma espiadela por cima da portinhola, para me certificar do que eu estava ouvindo. O interlocutor era Mr. Milles, o inglês conhecido por mister Maia, mestre-geral do tráfego, que mostrava um objeto de metal desconhecido por mim, e acendia e apagava diante dos olhos do engenheiro, à medida que repetia palavras que aos meus ouvidos soavam assim como: “ióss” ou “iásss”. Embora fascinado com a conversa da qual eu não compreendia patavina, afastei-me discretamente assim que o inglês fez menção de sair.

Entrei imediatamente no gabinete, dizendo ao Dr. Picanço o que eu desejava. Fui atendido sem demora, mas ao entregar-me o passe, perguntou-me o que eu ia fazer em Amarração. Atarantado com o êxito do pedido, cuja obtenção não me pareceu fácil pelo fato de ter ouvido dizer que o doutor era “ateu”, disse-lhe que ia lá apenas para saber se a água do mar era salgada...

Abre o rosto num sorriso largo e indulgente, dizendo que a água do mar era salgada, sim. E mais:

preveniui-me que não precisava levar sabão, pois o próprio sal se encarregava de fazer a limpeza do corpo.

Era uma abertura curiosa para uma conversa informal com um simples aprendiz que entrava porta adentro para pedir uma passagem de recreio. Deixou-me inteiramente à vontade para perguntar e responder, tanto que fez indagações sobre o que eu fazia nas oficinas, quanto ganhava, o que fazia meu pai, etc.

Com um gesto inesperado, tirou da bolsinha de níquel uma moeda de 400 réis (um cruzado), passando-me para “tomar um café”. Saí exultante, esquecendo-me até de agradecer a delicadeza.

Um mês após o passeio em Amarração fui chamado para a fila de pagamento de aprendizes. Lá estava o meu nome no fim da lista indicando o belíssimo ordenado de oitocentos réis por dia, quantia esta hoje representada só por vírgula, zero, zero. De qualquer maneira, foi uma façanha inesperada. Muito obrigado, Doutor!

 João Sabino, depois de desfiar um rosário de histórias de almas do outro mundo no terreiro de nossa casa, como fazia quase todas as noites, disse boa-noite e saiu coxeando para beber o último trago na quitanda da esquina.

Embora a lua aparecesse lá no alto como um disco de ouro mareado, fomos nos deitar naquela noite com a cabeça povoada de seres estranhos. De almas penadas que pareciam as donas da noite para se apresentar ao mundo das crianças, vestidas em véu esvoaçante. Era como se estivessem envoltas em um lençol frio e arrepiante que se fechava em volta de nosso pequeno quarto de dormir.

Lá fora, o pio do caboré agourento e o grasnar apavorante da rasga-mortalha, cortando o sudário imaginário da noite parada, aumentavam cada vez mais o malcontido estado de espírito em que nos achávamos. Envolvidos dos pés à cabeça em cobertas de fustão azul, ficamos esperando em nossas redes de meio o sono que não chegava. Por fim, ouviu-se um uivo prolongado de cão vadio andando à matroca, o que fez apertar ainda mais os nossos corações. Subitamente, segue-se um barulho vindo da rua acompanhado de correria e latidos

de cão aproximando-se rapidamente de nossa casa. Tudo parou, fazendo-se silêncio absoluto. Passados alguns instantes, ouviu-se uma voz sussurrar, enquanto batiam de leve em nossa porta. Meu pai, já de pé, em ceroulas de pernas compridas amarradas no tornozelo, perguntou quem era.

– João Sabino! – respondeu de fora uma voz cochichada.

– O que quer? – tornou meu pai, com voz grossa.

– Abra a porta, pelo amor de Deus, seu alferes.

– O que aconteceu, homem?

– Os soldados...

– Fale logo duma vez!

– Sim, os soldados arrancaram minhas calças, à força. Veja só, só me deixaram a blusa, rasgada à faca.

– Ora, ora, vejam só! Pule a janela, depressa!

Meu pai deu-lhe um pano para cobrir-se, enquanto indagava de detalhes do pobre homem, acorçado a um canto. Mal acabava de ouvir as lamúrias de João Sabino, quando os soldados brandaram no terreiro, embriagados, reclamando a devolução do homem. Impacientes com o silêncio feito de propósito, investiram, ameaçando invadir a casa.

Puxando inesperadamente o ferrolho da janela, ouviram-se dois tiros para o alto, da garrucha de dois canos que meu pai tinha metido no cós da ceroula. Os “canelas-preta”, meio assustados, recuaram. Mas foi só por um instante, porque voltaram em seguida a reclamar a posse do homem e também da garrucha. Meu pai, sem intimidar-se, apontou-lhes a arma (embora sabendo descarregada), dizendo que os disparos seguintes iam ser pra valer. O soldado que parecia menos bêbado deu ordem ao bando para a retirada, avisando, entretanto, que voltariam pela manhã com ordem do delegado para fazerem a prisão de João Sabino.

A ocorrência foi levada mais cedo ainda ao conhecimento do tenente Buriti, que na ocasião respondia pelo expediente da Capitania dos Portos e de quem meu pai era vizinho, na rua Pacífico. Ciente do fato, ouvido em seu passeio matinal ao longo da calçada de sua residência, o tenente tranquilizou o velho, avisando-o de que se fosse importunado, mandasse o interessado receber a arma na Capitania. Quanto à prisão de João Sabino, que deixasse com ele, porque os responsáveis por soldados desordeiros já estavam intimados a comparecer à

Capitania para um ajuste de contas, causado pelas últimas escaramuças com seus “marinheiros”.

João Sabino, assim que soube do resultado da queixa apresentada por meu pai, foi correndo à casa do tenente Buriti para agradecer-lhe o favor e ao mesmo tempo pedir-lhe umas calças usadas.

Quando voltou na outra noite para o serão das histórias tenebrosas, vestia calça branca e camiseta sem mangas tipo “combinação”. Muito compenetrado, exibiu um papel a meu pai, pedindo que fosse lido em voz alta. Tratava-se, ao que entendemos, de salvo-conduto conferido pela Capitania ao portador. Uma observação era, no entanto, taxativa: “este documento só terá validade no período do dia”. Meu pai explicou-lhe, em outras palavras, que aquilo não oferecia garantia alguma para os “bocallavada” noturnos.

Alertado diante da explicação dada por meu pai, João Sabino compreendeu que a partir daquele instante tinha de se cuidar. Saiu cedo, alegando encontro eventual com a ronda.

Minha mãe ofereceu-lhe o habitual café com isca, pediu-lhe, no entanto, que não voltasse a contar as histórias de almas penadas, porque estávamos

precisando de muito sossego em nossa casa. Foi um pequeno discurso engendrado por minha mãe na sua simplicidade doméstica, que obrou a graça de trazer paz e segurança ao sono de todos nós.





Zé Calixto, que tinha trazido o caixão na cabeça,
o morto. Só para tirar dúvidas, reparou bem nos coto-
peito do lobisomem que saía todos os dias para a história
vai" tinha fundamento. cachorro
cotovelos do malvado.
feitas à noite.
mendo deiza
do de rep
em si
do no m
as unhas
tasse l
deu uma
no hom

usar a mão
de lam
claro
pediu
imp
ad

o
crisã

 é Calixto só voltou da Santa Casa às 8 horas da manhã, coisa que devia ter feito logo às 6 horas. A essa hora tinha de receber o caixão dos pobres para enterrar o defunto que estava espichado na rede do “Pinica-Pau” desde à boca da noite do dia anterior. O homem tinha morrido hidrópico, ao que se dizia, de tanto beber cachaça e comer lesmas de búzios pescados ali no igarapé. Por isso foi preciso mandar buscar, por empréstimo, no hospital, o caixão “São Bento”, para acomodar a enorme barriga d’água do “Faz-que-vai”, que tinha levado um tempo imenso para morrer. Ali estava ele esticado, de braços e pernas finos como palito, com os olhos vidrados, como quem não queria fazer a viagem.

Zé Calixto, que tinha trazido o caixão na cabeça, colocou-o junto do morto. Só para tirar dúvidas, reparou bem nos cotovelos e nos nós dos joelhos do defunto, para se certificar de que a história que corria a respeito do lobisomem que saía todas as quintas-feiras da toca do “Faz-que-vai” tinha fundamento. Tinha, sim, pois logo descobriu, nos joelhos e cotovelos do malvado, os calos, onde ele se apoiava durante as batidas feitas à noite, à cata de cachorros novos. Descobriu, inclusive, um remendo

deixado pela facada que ele mesmo deu no bicho, quando foi atacado de repente, no meio da noite chuvosa, ao voltar da pescaria.

– Prosseguindo a descrição feita aos companheiros que ouviam em silêncio, disse que o sinal ficou bem visível, porque a faca cortou fundo no momento de usar a mão esquerda, que, por sorte sua, estava com as unhas cobertas de lama. Mesmo assim – concluiu – o animal deu uma guinada para o lado, arrebatando-lhe da mão a sua ponta de espada afiançada, desaparecendo rapidamente na escuridão.

Em tal circunstância, nada impediu que a superstição enraizada no homem ditasse as regras do temor impostas pelos mortos:

– Olha, deixa de atazanar o finado. O diabo pode estar por aqui mesmo, esperando montaria para voar com essa lama pro inferno – observou um companheiro, meio bêbado.

– Te esconjuro, capiroto – ajunta outro, virando o copo.

O sol ia bem alto e o corpo começava a soltar mau cheiro, por isto trataram de pôr o “Faz-que-vai” no caixão, para o enterro que ficou dependendo de decisão. É que o sepultamento não podia ser feito

no “cemitério do corpo seco”, por causa da bexiga que andou matando um rol de gente, e ninguém queria passar nem por perto dali. O certo mesmo era seguir para o cemitério novo, que ficava no “Alto da Catinga de Cima”.

Mas isso veio alterar logo o roteiro do enterro, que passou a ser considerado em termos de distância. Era alguma coisa assim como um quarto de légua, se alguém fosse contar os passos em linha reta, desde o Tamancão até a mata de carrasca do cemitério novo. Depois tinha mais aquele embaraço de não se poder contar com os presos de correição, que àquela hora andavam espalhados na capina das ruas. E os homens do enterro estavam reduzidos a quatro, fora a mulher, que levava o frasco de cachaça.

A decisão foi tomada finalmente, ficando Zé Calixto encarregado da marcha que seria feita em duas etapas. A primeira parada, para descanso, seria na calçada da Santa Casa. A outra, no campo santo.

Mas estava escrito que o corpo do “Faz-que-vai” teria de passar mais uma vez pelo crisol do vexame naquelas quase vinte e quatro horas de exposição

às moscas. Seu Chiquinho, enfermeiro da Santa Casa, foi o causador do último transtorno. Ao sair apressadamente do hospital para atender a um chamado de urgência, topou com o caixão na calçada, já guindado nas quatro aselhas para a etapa final.

– Preciso ver o defunto antes de ser enterrado – disse o enfermeiro.

– Não temos mais tempo, porque o corpo já está empestado – explicou Zé Calixto da ponta de sua vara.

– Se não tiverem a papelada, o corpo terá de ir para o necrotério – avisou seu Chiquinho.

– Por quê?

– Quero examinar o fígado.

– Que *figo*, se só resta a língua do miserável?

O caixão teve de ir para o quarto de exames. Seu Chiquinho, cumprindo instrução do hospital, executou o trabalho, praguejando. Aí tacou a punção com raiva na barriga do “Faz-que-vai”. De repente, recebeu um fedor violento, sufocante, nauseante, causando-lhe súbito mal-estar.

Enquanto os engulhos se sucediam, foi retirado do recinto do necrotério, dando oportunidade a que Zé Calixto enfiasse novamente as varas nas alças do

caixão e saísse por conta própria, choteando, para o cemitério.

O sepultamento foi feito incontinenti, dado que o mau cheiro insuportável não permitiu mais perda de um instante sequer. Mas a tarefa não ficou terminada aí, porque o erro mais terrível desta vida tinha sido cometido naquele instante de tamanha afobação:

“Faz-que-vai” teve de ser desenterrado momentaneamente, para que o caixão fosse devolvido devidamente à Santa Casa, que era a única encarregada da piedosa tarefa de sepultar os desvalidos.

João Ventura, indivíduo de índole sarcástica implacável, costumava desafiar publicamente os engravatados da terra na sua linguagem de açoite, que era a um só tempo uma verrina e um diálogo provocativo, em que os espectadores participavam de acordo com os rumos que o “orador” quisesse dar.

Invariavelmente “calibrado”, escolhia sempre o Porto Salgado como palco de suas diatribes, pintando aí um cenário real ou imaginário da vida política e social da cidade, onde centralizava a figura do coronel, que, por incrível que parecesse, era menos político do que um elemento comercialmente absorvente.

Caboclo inteligente, embora analfabeto, estava sempre atento às “conversas de brancos”, nos cafés ou nas esquinas, ou participando das rodas dos filhos da Candinha no pé do balcão, enquanto esperava o quinhão que lhe cabia na “sova do cocô”, isto é, o apertado pagamento do trabalho de carregamento de coco babaçu. Essas patacas lhe davam pano de sobra para as mangas, pois imediatamente tirava férias sem data de retorno, lembrando aos companheiros que “boi solto lambe-se todo”. Em

seguida, levantava o copo, despejando do alto um trago tremendo no fundo da garganta.

A fala saía logo que alcançasse a primeira esquina, chamando a atenção dos passantes, apontando com o indicador, sarcástico, venenoso:

– Esta cidade, meus senhores, é terra boa pra todos. Mas só tem uma classe de gente, que é a dos ricos ponta-limpa. Vejam só, o negro e o caboclo não existem aqui. Isto é, o negro, por si só, é uma mancha preta no mapa do Brasil. Só serve para limpar latrina e cheirar peido dos brancos quando voltam encachaçados dos cafés, onde comem e bebem à tripa forra. O caboclo, esse cachorro de vaqueiro, ainda aparece aqui e ali, tropeçando nas calças rotas com o saco de coco na cabeça pra ser vendido em leilão na estranja. Faz uma pausa, recomeçando em seguida:

– É verdade, lá estão os ingleses trepados, espiando da janela os burros de carga passarem com a cera na cabeça, pra fazer dinheiro. Dinheiro grosso que o diabo derrete na panela dos políticos. Nova pausa.

– Por falar em dinheiro de político – recomeça – diz que o coronel Epaminondas mandou dar um

cristel de pimenta no rabo do negro Pirilau, aquele negro sem-vergonha, chaleira do Jonas Correia. Bem-feito, pois o negro ficou de molho um dia inteiro, matando as *almorróimas* na tina, que o Jonas mandou botar no quintal. Solta uma gargalhada estridente.

– Esse negócio de política – continua – é a coisa mais desavergonhada que eu conheço. Não viram a palhaçada que aconteceu com o Patriota? Aquele jagunço sem-vergonha que morreu com as próprias mãos? Veio daí que a bala engasgou e foi estourar-lhe bem na titela. E depois disseram que foi o Nestor Veras, pura mentira! Depois de tudo isso veio aquela passeata pra quebrar a pedra do Patriota, do desgraçado que morreu até sem vela. Veja só como são as coisas!

– Eu digo e repito que o ladrão é mineral, mas os políticos são muito pior, porque além de roubar o dinheiro do governo, dão banquetes para festejar o fim de cada briga. Aí dançam, bebem e comem todos num cocho só, de braço no pescoço! Isto tem termos?...

João Ventura foi preso inúmeras vezes por causa de sua linguagem desabrida, indecorosa,

mas sentia prazer irrefreável em fazer revelações públicas dos “podres” da comunidade, mesmo que isso lhe custasse alguns dias de reclusão a bordo do “Minas Gerais”.

Entretanto, a única coisa que o deixava deprimido, a ponto de chorar, era o ato condenável da “serragem” em sua porta, para atormentarem a Eva, sua companheira negra com quem vivia há muitos anos, a única que lhe tolerava os altos e baixos de sua vida cheia de atribulações e desenganos.

A sabatina marcada por dona Raquel Magalhães para o dia seguinte ia ser sobre conjugação de verbos, puxada à palmatória, como sempre, e dirigida pelo decurião de nossa classe.

Como o Valdemar Pereira e o Valdenor Borges tinham agredido o decurião fazia poucos dias, e isso significava desforra durante o argumento, concordei em gazear a aula seguinte com os dois, que eram meus amigos. Não tinha que ver com a briga, apenas não sabia a lição e não quis me expor ao rigor do confronto.

Examinados os pontos mais discretos para a gazeta, a escolha recaiu no passadiço do CRISTINO CRUZ, gaiola bonita de passageiros que viajou muito para Teresina, e na ocasião estava desarmada, atracada na margem do rio. O plano, que parecia fácil a princípio, quase fracassou inesperadamente, quando penetramos meio ocultos no vapor e depa-ramos com o vigia que nunca imaginamos existir ali.

– Desinfeta, desinfeta, seus culumins porco, que aqui não é latrina não – gritou o vigia, empunhando um chiqueirador de relho comprido.

– Olha aqui, seu moço – atalhou o Valdemar com presença de espírito, mostrando-lhe um charutinho

fino, coberto com folhas esverdeadas. Nós... nós...

– Não tem nós nem tu. Não quero saber de charuto mata-rato, nem quem é o pai nem a mãe de ninguém. Vão escapulindo logo, antes que eu abarque os três como chiquim!

– Mas vocemecê não deixou nem eu acabar de falar! – insistiu Valdemar, tentando gracejar. O que a gente queria dizer é que não estamos aqui pra fazer aquilo que está lá no canto, não. O que a gente quer é só tomar banho, pulando daqui do convés!

– Desafasta, desafasta, já disse!

O Valdemar, que era o chefe da aventura, escarafunchou rapidamente o fundo da bolsa bojuda com os nossos livros, enquanto o vigia observava de través. Valdenor estirou a mão para receber o que o outro lhe passava manhosamente.

– Ora, meu padrim, a gente sabe como é – interrompeu mais uma vez o Valdemar, fazendo subterfúgio. – Tome isto aqui, pra matar o bicho agora mesmo, passando-lhe uma moeda de duzentos réis e mais o charutinho esverdeado.

Depois de receber a moeda, experimentando-a no dente, por segurança, e examinar bem o charutinho, o homem começa a enrolar vagarosamente

o relho no cabo do chiquinho das dores. Cospe tinctura forte de fumo entre os dentes amarelados e decide, apontando o dedão grosso para nós:

– Podem se banhar, mas não quero tribuzana de culumim nenhum aqui.

Sai para tomar um chá na quitanda defronte. Do meio da prancha grita ameaçando-nos com o chiqueirador: – fico de ôio em ocês, culumim porco!

O banho de mergulho se inicia imediatamente com os três saltando nus do convés no rio. Agora mais animados com a chegada de outros meninos, entrados por conta própria, estabelecendo-se alegria e verdadeiro piquenique.

Passado algum tempo, ouviu-se uma gritaria de pessoas desocupadas, que da calçada próxima acenavam e gesticulavam em direção ao vapor. Levados pela curiosidade, aproximamo-nos do local da algazarra, nadando rapidamente para apanharmos as roupas. Vestidos pela metade, procuramos alcançar a prancha que falseou com o peso do vigia já embriagado, atirando-o na lama. A ajuda providencial de um homem que tomava banho nas proximidades repôs a prancha no lugar e conduziu o vigia para o seco, que enfurecido xingava-nos a bom xingar.

O incidente inesperado só fez atrair mais a atenção das pessoas, causando logo grande ajuntamento. Enquanto escapávamos em carreira desabalada em direção ao matagal da Quarenta, fomos dar no fim da carreira pela falta da bolsa com todos os nossos livros. Ficamos sem qualquer ação no momento, a não ser que um de nós quisesse enfrentar a ira do vigia. Ofereci-me para enfrentar o risco, confiando exclusivamente na sorte.

Ao me aproximar do vapor, vi que a fortuna me favorecia, pois lá estava lavando o seu vasilhame o Zé do Leite, sujeito muito camarada. Aproximei-me dele e enquanto o ajudava a lavar as latas, contei-lhe o apuro em que nos metemos. Extremamente prestativo como era, Zé do Leite resolveu a coisa num instante, entregando-me a bolsa de volta, que a apanhou no vapor enquanto o vigia roncava. Tudo acertado, tendo inclusive combinado uma mentira para defesa eventual junto às nossas mães, fomos em paz para casa.

Mas na aula seguinte, que foi na segunda-feira, vimos o Gil Pinto cochichar para os colegas do banco, apontando para nós três.

Dona Raquel entrou na sala com ar carrancudo,

chamando-nos em seguida. Fazendo menção à saba-
tina anterior, mandou que o Valdenor conjugasse o
verbo CABER, no presente do indicativo. De repente,
sentimo-nos perdidos.

– Eu cabo... – começou Valdenor, senhor de si.

– Eu caibo – emendou d. Raquel, dando-lhe um
bolo vigoroso.

Passou a interrogar a mim e ao Valdemar, sobre
definição de análise gramatical, o que nos recusa-
mos a responder, alegando que não tínhamos estu-
dado ainda a matéria.

Sem dar explicação, aplicou seis bolos de rachar
em cada um, fazendo apenas alusão evasiva a
banhos de rio...

Até hoje estamos por saber ao certo quem foi o
delator.



Mas na aula seguinte, que foi na segunda
har para os colegas do banco, apontando
Dona Raquel entrou na sala com ar car
guida. Fazendo menção à sabatina a
nor conjugasse o verbo CABER, no pres
e sentimo-nos perdidos.

— Eu cabo... — começou Valdenor, senno

— Eu caibo — emendou d. Raquel, dando

Passou a interrogar a ... de Valdenor



a-f
pa
r
n
e

vigoroso

“ Mãe-éfa” – para os familiares e pessoas de sua intimidade – era, no entanto, para os meninos levados de Parnaíba, a “Mão de Paca”. Era mulata que a mais leve menção àquele odioso apelido descarregava verdadeira saraivada de nomes acompanhados de gestos indecorosos, provocando em seu descontrole inesperado espontâneas gargalhadas da meninada.

Meio idiota, fora, moçota, ainda parar em casa de seu Raimundinho de Melo, pai de família numerosa, bem situada, que se estabelecera com comércio de livros e armarinho na praça do mercado. Muito ativa, “falando pelos cotovelos”, logo passou a cuidar das crianças, que a ela se apegaram pela natural tagarelice e pelo recíproco afeto instintivo dela recebido, daí resultando o cognome de “Mãe-éfa” ou “Mãe-efinha”, proveniente de seu verdadeiro nome de batismo – Josefa.

Sua mão mirrada, que trazia sempre meio oculta, envolvida num guardanapo de “enxotar moscas”, como ela mesmo explicava, era a causa das explosões intempestivas, quando colhida de surpresa pelo olhar aguçado da molecada sempre atenta. O grito de “Mão de Paca” partia imediatamente do moleque

que se achava mais distante de “Mãe-éfa”, que por sua vez procurava acertá-lo em vão com uma pedra.

– Mão de Paca... cá, cá, cá ...! – gritava outro moleque, reforçando a chacota.

– É o rabo da mãe, culumim apresentado! – vociferav, com os olhos em fogo.

Seu Raimundinho era um homem idoso, de índole tranquila, mas de senso caçoita muito acentuado. No mercado, onde costumava fazer compras acompanhado de Zefinha (Mãe-éfa), ia logo direto ao açougueiro para encomendar uma suposta “Mão de Vaca”, para sábado. Zefinha, em permanente estado de tensão, percebendo a intenção marota do patrão, acrescentava, descontrolada: “a mão de vaca é pra sua madrinha comer!” Depois, no mesmo tom, gritava: “meu padrim, me respeite! Não vê que está dando palha a esses cachorros safados, ladrão de balança e contrapeso (calcando significativamente o dedo mínimo no prato da balança).

Feito o desabafo, seu Raimundinho despachava a Zefinha, dando-lhe palmadinhas nas costas, recomendando-lhe calma, muita calma, para não assanhar o “formigão” dos meninos, que a esta altura faziam-se os donos da situação.

Seu Raimundinho preferia lidar na loja com artigos de armarinho, em vez de livros, por causa de sua miopia exagerada, às vezes, quando os meninos entravam no estabelecimento para comprar papel de seda para papagaio, chamava a Zefinha, para comparar as cores do papel desejado, uma vez que ele tinha também problema de daltonia, que era aquilo de confundir determinadas cores.

– Examina esta cor, Zefinha – perguntava mansamente.

– Cor de carne (vermelho), ora essa! – respondia amuada, com os olhos nos meninos.

– Olhe bem, Zefinha. Eu vejo tudo é preto, como carvão – ficava esperando a reação.

– Aqui não tem diacho de cor preta nenhuma. Vancê sabe que preto é o cão, por isso quer me impuiá, não é, meu padrim?

– Tenha calma, Zefinha. Olhe que preto é a cor da menina dos seus olhos...

– Já sei, vancê quer me chamar é de negra, seu gazo!

– Não precisa se arreliar, Zefinha...

– Madrinha Raimundinha, veja a apresentação de seu Raimundinho. Tome conta dele, tome conta dele... Te esconjuro!

Mãe-éfa era extremamente fiel aos mandamentos da igreja, e como demonstração de sua pública devoção, trazia no pescoço um rosário de contas entremeado de medalhas de todos os tipos e tamanho. Não admitia gracejo com seus “santos”, que era a sua salvaguarda para livrarem a sua alma do fogo do inferno. Ela rezava, e rezava sem cessar, pedindo a Deus que matasse aqueles moleques que lhe deixavam a vida tão atormentada. Lembrava o seu Bembem nas orações de meio-dia, pedindo a Deus graças para a sua família, embora ela não merecesse o pedido, por causa de suas saliências no meio da rua. Era um cão de cangalha, aquele homem.

Zefinha vinha da missa das cinco da manhã, com pressa de chegar antes da hora do mercado. Por caiporismo seu, topou numa pedra, resultando arrebentar-lhe o solado da alpercata, que de repente escondeu na mantilha, aí fingindo cachingar.

– Mão de paca, tá com bicho no pé? – debochou um moleque.

Zefinha ficou parada, olhando ao redor, simulando a maior calma deste mundo, cantou baixinho pedaços do “santum egum”. De repente, ajoelhou-se e de mãos postas iniciou a descompostura mais rasa

que se pode imaginar, dizendo “cobras e lagartos” da mãe dos meninos, para quem pedia uma excomunhão especial. Ao levantar-se, queixava-se em tom humilde de não poder dizer mais, porque estava esquecendo os nomes mais bem empregados que costumava dizer antigamente...

Benedito dos Santos Lima – o Bembem – monopolizando amizades com meio mundo em Parnaíba com sua verve chistosa e envolvente, não perdia oportunidade para mexer com a pobre amalucada.

– Bons olhos te vejam, ó fina flor do nosso jardim – dizia à guisa de saudação.

Zefinha, sem lhe dar atenção, preocupava-se imediatamente era com o molecório, que nunca a perdia de vista, estivesse ela onde estivesse. O simples fato de dirigir-lhe a palavra por estranho era motivo de susto ou constrangimento.

Dona Chiquinha de Aguiar tinha se tornado temida por todos os embarcações que perambulavam pela Quarenta, e por isso mesmo só faziam ponto em sua quitanda por alguns instantes. Somente para um trago de cachaça velha da serra, que eram as duas especialidades da casa, incluindo o fumo de mascar.

Com seus setenta anos presumíveis, servia o balcão com ar carrancudo, metida num casaco escuro de mangas bordadas e saia comprida roçando-lhe os pés. Pés enormes de dedos entaramelados que escondia nos chinelos de pele de bode curtida, guarnecidos com biqueira e ramagem de pelica preta. Falando pouco ou simplesmente interrogando os fregueses com olhar severo, ia e vinha devagar, mexendo os queixos enquanto estirava mão para receber o dinheiro, antes de entregar a compra feita.

Só a cachaça podia ser paga depois do primeiro trago, quando a pessoa vinha acompanhada de cara estranha que pela primeira vez bebia do “chá” da quitanda. Mesmo assim, ninguém escapava da rebordosa. Sempre engatilhada, para quem derramava o resto do copo no pé do balcão.

Descompostura igual era passada, em voz alta, em quem cuspinhava golda de fumo no chão limpo da quitanda.

Zé Capivara, que conhecia muito bem a velha quitandeira, tolerava-lhe os rompantes nessas crises de raiva passageira, pois logo apanhava a vassoura e lavava o chão com água de sabão e creolina, deixando tudo limpo, com cheiro de fazenda nova. Por isto ganhava dois vinténs e mais um trago valente de serrana, ocasião em que conseguia arrancar da velha uma de suas raras risadas encatarroadas, acompanhadas de nomes, que era a sua maneira natural de demonstrar estima por alguma coisa, gente ou bicho.

Dona Chiquinha de Aguiar costumava pedir a Zé Capivara para fazer-lhe as compras da quitanda – quando este ficava de quarentena, sarando só os ferimentos resultantes das brigas mais recentes em que se metia com os soldados. Aproveitando-lhe o espírito prático e indagador, ela pedia, aparentemente distraída para que lhe contasse as novidades da rua, que giravam sempre em torno do movimento político entre os Pires e os Correias, entretanto o clima costumeiro do foguetório ensurdecador com

trocas de boletins injuriosos ou de tiradas com chacotas mútuas publicadas nas páginas dos dois pasquins oponentes do momento.

Capivara colhia os boletins e obtinha os jornalecos dos dois lados, entregando tudo a dona Chiquinha, que os mandava ler no interior de sua casa, dispensando atenção apurada à leitura engraçada da pretinha Judite. Aí, sim. Ria até perder o fôlego.

Capivara, que participava também da intimidade desse tipo de distração de dona Chiquinha, disse-lhe certa manhã ao arriar o saco das compras em cima do balcão:

– O cu de boi tá fervendo lá na rua, dona Chiquinha!

– Ahn! – grunhiu a velha, preparando-se pra ouvir a novidade.

– Diz que um cidadão foi abecado lá na rua e fizeram ele engolir um papel que escreveu.

– Uhn! – e o nome dele, como é?

– O nome eu não sei. Mas diz que é um que tem uma barba de bode. E diz que inté cortaram a barba do homem, com uma tesoura de aparar pavio de lampião!

– Vai mentir pro inferno, caboco safado – atalha

dona Chiquinha, soltando uma risada encatarroada.

– Juro por Deus como o zum-zum-zum tá correndo lá na rua.

– E o homem, foi acudido? – volta a indagar com ar malicioso.

– Biatamente! Pois olhe que apanhou gente como quê! Só não apanhou mais porque Deus se meteu no meio.

– Como foi isso? – insistiu dona Chiquinha, meio assustada.

– Ora, ora, dona Chiquinha, a igreja tava lá mesmo, escancarada, pra barrar a entrada dos canelas-pretas.

– A velha quintandeira recomeça a conferir as compras, movendo os queixos calmamente, como se estivesse mastigando aquele punhado de milho imaginário do dia a dia.

aria Rosa perdeu quase a manhã inteira, esperando a vez do chamado da enfermeira para o curativo da gafeira que lhe lavrava as pernas de alto a baixo, resultante de um peixe reimoso que comeu com sarampo quando era moçota.

Na ocasião da primeira erupção, ficou desacordada de febre, e o seu padrinho, com quem morava, por não ter parente nem aderente no mundo, aflito e desorientado com a inchação repentina que lhe tomara todo o corpo, deu-lhe um purgativo violento de jalapa com enxofre, untando-lhe depois a cabeça com azeite de mamona, para fazer o sangue descer para as pernas, que ficaram paralisadas.

Não ficou boa de todo, mas, para o que estava, salvou a fogueira, embora os moleques comessem a chamar-lhe “cabeça de rapaz”, por causa da raspagem dos cabelos que lhe fizera o padrinho na hora da maior aflição.

Sim, sentia, também, uma espécie de esquecimento de vez em quando, mas isso não a impediu de crescer e logo se tornar moça, disposta e alegre, daí resultando súbita inclinação para as festas da redondeza que se repetiam todas as semanas. Não era feia, não. Ao contrário, chegou a ser apontada

até como das mais bonitas do povoado e, para confirmar a opinião geral, tinha dois namorados. José e João, que disputavam a preferência de Maria Rosa em serenatas alternadas, e mais outro tanto de cartas curtas, de três linhas se tanto, por falta de melhor expressão.

O padrinho era viúvo, não via com bons olhos aquela assiduidade dos rapazes, que na sua ausência, longas ausências de casa, em viagens prolongadas, deixava Maria Rosa só em poder da velha Rita, caseira de muitos anos.

Maria Rosa não sabia ler, mas não confiava o segredo a ninguém. Guardava as cartas, para um dia que aprendesse a ler. Palpava-as, examinava as letras, comparando as letras, sempre assim. Mas já tinha decidido qual dos dois escolheria. Descobriria o eleito ao receber a mensagem do portador, que dizia a procedência.

Perguntada por quê, não respondia, sempre dizia que não precisava responder, por quê moça não escrevia para rapaz, eles é que deviam tratar de tudo. João, sem saber por quê, afastou-se e nunca mais falou com ela. Depois soube que ia para sentar praça, ia embora pelo mundo. Não

compreendeu porque, pois era exatamente o seu escolhido.

José, com o campo livre, passou a fechar o cerco e não se passou muito tempo, viu coroado de êxito o seu intento.

Falou-lhe sobre casamento e ela não pôde responder, porque o padrinho estava sempre viajando e não queria dar a sua decisão sem ouvir aquele. Mas, sempre insistida, terminou aceitando. Convidada a fugir, teve que desistir de esperar o padrinho, e saiu.

O resultado aí estava, porque chegada na cidade grande teve de trabalhar, porque o rapaz a abandonou por outra e nunca mais voltou.

Mas, por sorte, encontrou o João, ainda solteiro, para se casarem. Casou-se mas não foi completamente feliz, porque as curubas voltaram a atacar.



viag

caseira de m

Maria Rosa não sabia ler, mas
Guardava as cartas, para um dia qu
comprando as let



nao contava o segredo a ninguem.
e aprendesse a ler. Palpava-as, exa-
ras, sempre assim. Mas já tinha de-

A QUEDA DO SINO

 o dia em que o sino caiu da torre da igreja Matriz, a notícia correu célere pela cidade com a força de um furacão, como se acontecimento tão inesperado quisesse abalar os alicerces da fé católica do povo que a professava há quase duzentos anos.

Constatado o fato e passados os primeiros momentos do impacto terrível, surgiram comentários os mais descontraídos a respeito de acontecimento tão singular da história religiosa de Parnaíba. Daqui e dali, indaga-se, no atropelo de raciocínio, a causa ou causas do acidente.

Seguiram uns, os esclarecidos de formação ou céticos, a possibilidade de se tratar de um fenômeno de ordem transcendental, em que o imponderável podia muito bem ser a resposta do mistério (???). Já os crentes nos ensinamentos tradicionais da vida doméstica, afiançavam que se tratava de um castigo, chegando a lembrar aos mais velhos as profecias de frei Damião do Amor Divino, quando pregava que a praça da igreja ia ser cama de baleia. Portanto, tudo indicava que os tempos eram chegados, não havendo outra saída a não ser o caminho da penitência e do arrependimento.

DISCURSO DO TABELIÃO INTERIORANO NA FESTA DE CASAMENTO

Atendendo aos rogos da mãe da noiva, Sra. JANUÁRIA CARDOSA DAS ALMAS, uso da palavra inflamada para fazer uma saudação ao casal de pombinhos que acaba de se casar perante o meu cartório pobre, porém honesto. Por falar em cartório honesto, o sujeito só casa duas vezes no meu cartório se minha mulher mandar, do contrário, tem que obedecer ao rigor da lei.

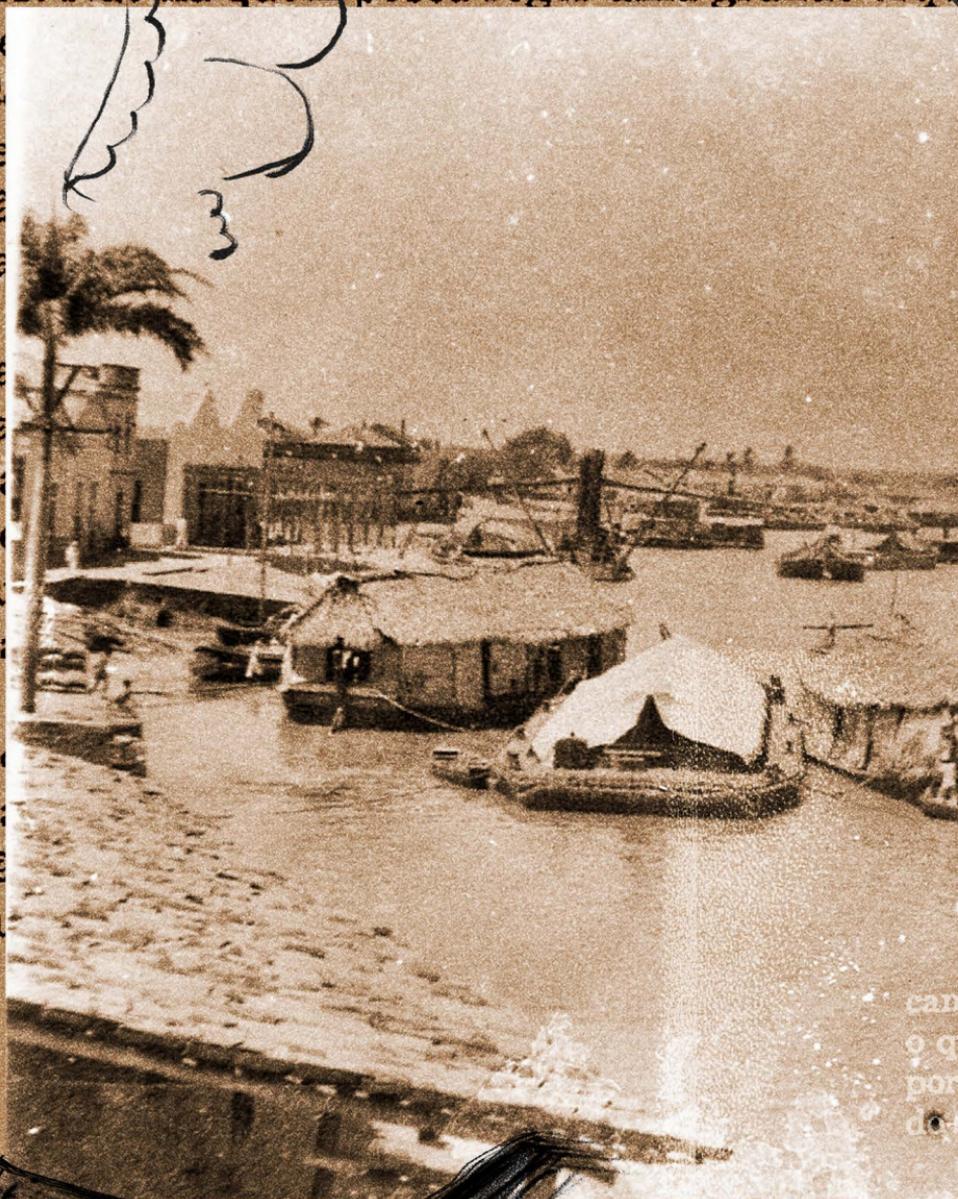
Foi por isso que casei POMPEU com SEVERINA, essa menina, fulor purpurina, que pra todos se inquilina com indução fina. Conheço desde novinha a coitadinha, que agorinha se encaminha pra cosinha, feijão e farinha, vai comer com o POMPEU, esse filisteu que nesta emboscada se meteu, roubando a fulor rara de “sá” Januária, que agora se lastima e chora a perda da Severina, que nesta hora de agonia vai construir fãmia.

CONSUMATUM EST.

verdade. Não sou escritor, todos sabem, mas s
res. Não há quem possa reger uma grande orqu

be
C
te
cã
ra

sa
ra
na
ge
tu
da
da
pa
tã
tu



can
o q
por
do
ma
pre
rec
of

como se fazem escrito-
estra sem, contudo, sa-



PÁGINA DE SAUDADE

R. SOUZA LIMA

La pelos idos de 1936, andava eu lendo tranqüilamente a luz o
deia de meu quarto de rapaz de subúrbio, entre outras coisas, tu
ue dissesse respeito à empolgante e difícil arte de redigir, mand
uma feliz coincidência, fui apresentado a Bembem, por um méd
sr. Milton Magalhães.

Milton Magalhães, como Bibi Freire, Chico Aires e outros, fo
vam entre os charadistas, poetas e prosadores. Ele era um cor
endi depois — para fazer-me conhecer na obra de Milton Magalhães, escl
idos o que a teoria literária e o meu restrito em que vivia não m
reçiam de maneira integral, lançou-me no círculo frequentado

PÁGINA DE SAUDADE

R. Sousa Lima

Lá pelos idos de 1936, andava eu lendo tranquilamente à luz da candeia de meu quarto de rapaz de subúrbio, entre outras coisas, tudo que dissesse respeito à empolgante e difícil arte de redigir, quando, por uma feliz coincidência, fui apresentado a Bemem, por intermédio do sr. Milton Magalhães.

Milton Magalhães, como Bibi Freire, Chico Aires e outros, formavam entre os charadistas, poetas e prosadores de então e – compreendi depois – para fazer-me conhecer na prática com homens esclarecidos o que a teoria livresca e o meio restrito em que vivia não me ofereciam de maneira integral, lançou-me no círculo privilegiado de Bemem. Círculo aquele em que Bemem sempre foi figura inconfundível, pelo cérebro e pelo coração, em nada importando a sua natural tendência para determinada liberdade de ação, algumas vezes, mal compreendida.

– Que sabe você de João Ventura? – perguntou-me Bembem certa vez, aparentando distração, enquanto conferia alguns bilhetes de loteria.

Colhido de surpresa, mas conhecendo-lhe a Argícia, preferi refugiar-me em Eduardo Carlos Pereira, cuja gramática pareceu-me sempre menos difícil. Falei-lhe com cuidado sobre o que presumi conhecer melhor, logo parecendo estar me desincumbindo bem, pela maneira paternal com que movia a cabeça afirmativamente, rolando o charuto enorme de um canto a outro da boca. Animado, revelei-lhe o desejo que tinha de escrever qualquer coisa para um jornal da terra, e, com o fito de impressionar melhor, citei filólogos da estatura de Laudelino Freire, M. Gonçalves Viana, Marques da Cruz, etc. como fontes em que buscava resolver o problema de escrever. Queria escrever, sim, confessava com certo acanhamento a Bembem, mas tinha medo de escrever tolice, começava com "literatura" empolada e prolixa, exatamente o que os mestres apontavam com ênfase como sendo o túmulo dos principiantes.

– Escuta, rapaz – disse Bembem quando tomei fôlego – não me entendeu bem, quando falei em

João Ribeiro. Não quis referir-me ao gramático, não, mas ao João Ribeiro, chefe de trem, que por força de hábito anda sempre às voltas com bilhetes. Não vê que estou conferindo bilhetes da loteria? Pensei que você fosse mais aplicado!...

– Mas prosseguiu em tom sério – notei que você está é intoxicado de tanta literatice, que nada tem a ver com quem quer escrever de verdade. Não sou escritor, todos sabem, mas sei como se fazem escritores. Não há quem possa reger uma grande orquestra sem, contudo, saber tocar instrumento algum? Há, sim – responde à própria pergunta. Comece a escrever o que tiver na cabeça, abandonando as vírgulas, que tem sido a ruína de muita gente que se diz letrada. Vou tirar nova edição do Almanaque da Parnaíba, e para saber se você tem “embocadura” para a coisa, é que quero uma ou duas colaborações suas.

Desde então, as apresentações aos intelectuais da terra não cessaram. Por conta disso, vi-me elevado ao honradíssimo posto de colaborador de “seu” Almanaque, seguindo assim o rastilho luminoso de penas fulgurantes, como de Alarico da Cunha, R. Petit, Frederico Borges, prof. Benedito Jonas e muitos outros ases do pensamento e da cultura,

inclusive do próprio editor do Almanaque, sempre agudo e mordaz em seus escritos.

Este simples relato sobre Bembem é a homenagem que a ele rendo, pois sei que todos os seus amigos estão com o pensamento voltado para o seu espírito luminoso e o coração desmesuradamente grande, tão grande que sempre teve lugar para todos os que dele tiveram a fortuna de acercar-se.



Este livro foi composto com as fontes:

Dupincel, desenvolvida por Plau Desgin;

Swear Display, desenvolvida por Tropical Type.

Impresso em papel Couchê fosco 90g/m² (miolo) e 250g/m² (capa).

©areadecriacao

APOIO CULTURAL



área *de* criação

ISBN 978-65-85113-08-3

